

**UNIVERSIDADE TIRADENTES – UNIT
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E EXTENSÃO-PPGPE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

ADENIZIA SERAFIM DOS SANTOS FARIAS

Encontros: do mal em “escritos da casa morta”, de Dostoiévski, e a banalidade do mal em “Eichmann em Jerusalém — um relato sobre a banalidade do mal”, de Hannah Arendt

**ARACAJU
2022**

ADENIZIA SERAFIM DOS SANTOS FARIAS

Encontros: do mal em “Escritos da casa morta”, de Dostoiévski, e a banalidade do mal em “Eichmann em Jerusalém — um relato sobre a banalidade do mal”, de Hannah Arendt

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Mestrado -, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Área de concentração: Educação

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo Nunes
Linhares

**ARACAJU
2022**

ADENIZIA SERAFIM DOS SANTOS FARIAS

Encontros: do mal em “Escritos da casa morta”, de Dostoiévski, e a banalidade do mal em “Eichmann em Jerusalém — um relato sobre a banalidade do mal”, de Hannah Arendt

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes – Mestrado -, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Aprovado em: 06/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente
 RONALDO NUNES LINHARES
Data: 08/08/2023 07:24:59-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares
Orientador Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)


Profª Drª Grasielle Vieira de Carvalho
Avaliador Externo - Universidade Tiradentes - PPDH

Documento assinado digitalmente
 CRISTIANE DE MAGALHAES PORTO
Data: 25/07/2023 10:21:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Drª Cristiane de Magalhães Porto
Avaliadora Interna - Universidade Tiradentes – (PPED/UNIT)

F224e Farias, Adenizia Serafim dos Santos
Encontros: do mal em “escritos da casa morta”, de Dostoiévski, e a banalidade do mal em “Eichmann em Jerusalém- um relato sobre a banalidade do mal”, de Hannah Arendt / Adenizia Serafim dos Santos Farias; orientação [de] Prof. Dr. Ronaldo Nunes Linhares- Aracaju/ SE: UNIT, 2023.

56 f. il; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, 2023

1.Mal 2. Banalidade do mal 3.Natureza humana 4. Homem-Deus 5. Super-homem I. Farias, Adenizia Serafim dos Santos II. Linhares, Ronaldo Nunes (orient.). III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

Gislene Maria S.
5/1410

Dias CRB-

CDU: 17.023.33

Aos meus pais, José e Olívia (in memoriam)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, e por me manter firme na fé. Sem fé, não seria possível ultrapassar todos os obstáculos que se impuseram ao longo dessa jornada. Ao meu esposo e companheiro que sempre me incentivou e acreditou em mim, aos meus filhos, pela paciência e compreensão nos momentos de ausência. A minha profunda gratidão aos professores e orientadores Dr. Carla Jeane Helfemsteller Coelho, por sua paciência e colaboração, como também, ao professor orientador Dr. Ronaldo Nunes Linhares, que, mesmo com o trabalho em andamento, me acolheu e deu continuidade nas orientações e correções do texto. Minha gratidão aos demais professores do programa que, mesmo ultrapassando um momento tão difícil, ou seja, de uma pandemia, não faltou predisposição e ânimo para levar seu conhecimento aos alunos do programa. Esta pesquisa não seria possível sem o apoio do coordenador do PPED Cristiano de Jesus Ferronato. Meus agradecimentos aos funcionários: Cleverton dos Santos Mota e Dayseane Santos da Silva, que sempre se dispuseram de forma solícita todas as vezes que foram necessárias. Meus agradecimentos à ex-diretora Silvia de Jesus Joaquim, da Escola Municipal Professor Emiliano Nunes de Moura, pela compreensão e ajuda num momento tão difícil e necessário. às funcionárias da biblioteca pública de Japaratuba Julita Dorotheu Guimarães, e também às funcionárias do Centro de Inclusão Digital João Piolho, pelas vezes que precisei apresentar os trabalhos das disciplinas e estudar me receberam de boa vontade. Não poderia esquecer também os colegas do programa, em especial, ao aluno Felipe Antônio Araújo Moura, pela ajuda e compreensão nos momentos de tantas incertezas e dificuldades, e a todos aqueles que, de forma direta e indireta, contribuíram para que este sonho se tornasse uma realidade.

“Tenho pressa” (DOSTOIÉVSKI)

RESUMO

O **objeto de estudo** desta pesquisa perscruta um encontro reflexivo sobre o mal nas reflexões de Dostoiévski em *Escritos da Casa Morta* e o conceito de banalidade do mal em Hannah Arendt: **“Eichmann em Jerusalém — Um relato sobre a banalidade do mal”**. A partir daí, propõe-se o seguinte **problema de pesquisa**: O que, na potencialidade deste encontro, podemos destacar como aproximações e distanciamentos sobre o conceito do mal em Dostoiévski e Hannah Arendt? O **objetivo geral** procura explicar como o mal se revela no ser humano tomando como base os contrapontos do pensamento de Dostoiévski /Hannah Arendt em que o mal se revela na ação do homem em sociedade e/ou como parte do interior do homem. Para tanto, os seguintes **objetivos específicos se colocam**: explicar como a questão do mal é articulada e definida na obra *Escritos da Casa Morta*; examinar a concepção de banalidade do mal em Hannah Arendt; comparar interfaces relacionais na questão do mal entre os dois autores. O método é hermenêutico, como um método interpretativo que procura compreender um determinado texto. A prática mais convencional para se pesquisar o sentido, e por extensão o significado de qualquer outro texto, é partir do autor, do que este desejou transmitir em plena consciência, ao elaborar seus escritos. Dessa forma, é importante comparar as várias obras produzidas pelo escritor, para se verificar o que ele disse em diferentes momentos, considerando-se sempre as línguas em que os textos foram criados, no tocante aos **resultados** quando da reflexão sobre a aproximação e distanciamento do mal entre os dois autores e sua contribuição para a educação.

Palavras-chave: Mal. Banalidade do mal. Natureza humana. Homem-Deus. Super-homem.

ABSTRACT

The object of study of this research examines a reflective encounter on evil in Dostoevsky's reflections in *Writing the Dead House* and the concept of banality of evil in Hannah Arendt: "Eichmann in Jerusalem - An Account of the Banality of Evil". From there, the following research problem is proposed: What, in the potentiality of this encounter, can we highlight as approximations and distances about the concept of evil in Dostoevsky and Hannah Arendt? The general objective seeks to explain how evil is revealed in the human being from the counterpoints of the thought of Dostoevsky/Hanna Arendt in which evil is revealed in the action of man in society and/or as part of the interior of man. To this end, the following specific objectives are proposed: To explain how the issue of evil is articulated and defined in the work *Escritos da Casa Morte*; Examine Hanah Arendt's conception of the banality of evil; Compare relational interfaces on the subject of evil between the two authors. The method is hermeneutic, as an interpretive method that seeks to understand a particular text. The most conventional practice to investigate the meaning, and by extension the meaning of any other text, is to start from the author, from what he wanted to convey in full consciousness, when elaborating his writings, in this way, it is important to compare the various works produced by the writer, to verify what he said at different times, always considering the languages in which the texts were created. As for the results when reflecting on the approximation and distance of evil between the two authors and their contribution to education.

Keywords: evil, banality of evil, human nature, Man-God, Superman.

RESUMEN

El objeto de estudio de esta investigación examina un encuentro reflexivo sobre el mal en las reflexiones de Dostoievski en *Escribir desde la casa muerta* y el concepto de banalidad del mal en Hannah Arendt: “Eichmann en Jerusalén — Un informe sobre la banalidad del mal”. A partir de ahí, se propone el siguiente problema de investigación: ¿Qué, en la potencialidad de este encuentro, podemos destacar como aproximaciones y distanciamientos sobre el concepto del mal en Dostoievski y Hannah Arendt? El objetivo general busca explicar cómo se revela el mal en el ser humano a partir de los contrapuntos del pensamiento de Dostoievski/Hanna Arendt en el que el mal se revela en la acción del hombre en sociedad y/o como parte del interior del hombre. Por ello, se plantean los siguientes objetivos específicos: Explicar cómo se articula y define la cuestión del mal en la obra *Escritos da Casa Morte*; Examinar la concepción de Hannah Arendt sobre la banalidad del mal; Compara las interfaces relacionales sobre el tema del mal entre los dos autores. El método es hermenéutico, como un método interpretativo que busca comprender un texto dado. La práctica más convencional para investigar el significado, y por extensión el significado de cualquier otro texto es partir del autor, lo que quiso transmitir con plena conciencia, al elaborar sus escritos, de esta forma, es importante comparar las diversas obras producidas por el autor, para verificar lo que dijo en diferentes momentos, siempre considerando los idiomas en que fueron creados los textos. En cuanto a los resultados, al reflexionar sobre los hechos ocurridos en ambos casos, inmediatamente se percibe el encaje en ellos de las concepciones del mal propuestas por los dos autores.

Palabras clave: mal, banalidad del mal, naturaleza humana, Hombre-Dios, Superhombre.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DOSTOIÉVSKI: O AUTOR E A OBRA	16
3 O MAL EM “ESCRITOS DA CASA MORTA” DE DOSTOIÉVSKI	22
3.1 AS CARTAS E CORRESPONDÊNCIAS NA CASA MORTA	25
3.2 O QUE É O MAL NOS ESCRITOS DA CASA MORTA?	28
4 A BANALIDADE DO MAL EM HANNAH ARENDT	35
4.1 A BANALIDADE DO MAL EM HANNAH ARENDT: “EICHMANN EM JERUSALÉM — UM RELATO SOBRE A BANALIDADE DO MAL”	35
5 INTERFACES RELACIONAIS NA QUESTÃO DO MAL: ENCONTROS.....	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

As constantes violações da dignidade humana que temos presenciado historicamente e, atualmente, legitimadas na forma de chacina, de racismo, da violência contra as mulheres, na desigualdade social, têm exacerbado atitudes que colocam as condutas dos seres humanos em xeque. Surge, portanto, a exortação da palavra **mal**: muitas vezes, usada de forma superficial e, algumas vezes, em face de uma reflexão mais profunda.

O que é abordado nesta dissertação inicialmente compreende o mal reconhecido e observado por Dostoiévski no sistema prisional russo no século XIX e descrito no livro “Escritos da Casa Morta”, e sua relação com eventos contemporâneos. Diante desse contexto, propõe o seguinte **problema de pesquisa**: O que, na potencialidade deste encontro, podemos destacar como aproximações e distanciamentos sobre o conceito do mal em Dostoiévski e Hannah Arendt?

Entende-se linha de pesquisa como um domínio ou núcleo temático da atividade de pesquisa do Programa que encerra o desenvolvimento sistemático de trabalhos com objetos e metodologias comuns. Nesse sentido, este trabalho de pesquisa foi apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e a Linha de Pesquisa foi em: Educação e Comunicação, ou seja, significa que há uma inter-relação entre educação e comunicação, pois ambas estão entrelaçadas, isto é, presentes tanto em situações educativas, formais ou informais, quanto em situações comunicacionais específicas das mídias. Desse modo, entende-se que situações educativas são também comunicativas e situações comunicativas são também educativas, apresentando, portanto, relação com esta pesquisa.

Segundo Hannah Arendt (1999), o mal pode ser algo comum, pode estar na mais medíocre criatura. Sobre Eichmann, a autora observava que ele era o mais comum dos homens, educado, inteligente e, o mais intrigante, afirmava que particularmente não era antissemita; era apenas um cidadão cumpridor das leis. Eichmann foi um dos responsáveis pelo transporte dos prisioneiros judeus para os campos de concentração. Ele cuidava da logística que transportaria as pessoas aos diversos tipos de torturas e à morte. Porém, ele via sua função como sendo apenas parte do sistema, como se estivesse meramente cumprindo ordens, executando corretamente suas tarefas, sem levar em consideração o que realmente significava sua parte no propósito nazista. Ele era um de muitos dos escolhidos: indiferente ao sofrimento alheio, com uma frieza e uma incapacidade de comiserção.

O mal existe e não pode ser simplesmente extinto. Não é algo que possa ser combatido somente com educação moral e boa intenção. É um fungo que se espalha, não é profundo,

não possui intenção, mas pode se espalhar com rapidez. Na vida cotidiana, banal e trivial, pode crescer despercebidamente e, quando menos se espera, toma conta da alma e da emoção, deixando as pessoas frias e egoístas com relação à dor dos outros. (ARENDDT,1999)

Segundo **Susan Neiman** (NIEMAN, 2003, p.15,16), “[...] a filosofia moderna começa a partir da separação entre os dois tipos de males, o mal moral e o natural, e o seu grande precursor não teria sido Descartes, mas sim Rousseau”. Deixa claro desde o início que a grande questão da filosofia moderna é a existência do mal. Com a finalidade de aplacar o mal metafísico, isto é, a consciência da finitude humana, e justificar o princípio da ordem moral de acordo com o qual felicidade e virtude seriam sinônimas. A religião pagã grega supunha que o destino das pessoas era determinado pelos deuses. Esta era a única explicação capaz de justificar o sofrimento e a miséria do indivíduo virtuoso.

O Cristianismo reescreve a noção de destino, chamando-lhe de desígnio divino ou providência. Nada ocorre na natureza ou na vida dos homens que seja aleatório; a causa de tudo é Deus. O mal ainda é hoje um tema de cunho religioso, mas tem presença tácita forte na filosofia moral e política. Não podemos discutir cada qual separada da outra, sob o risco de não conseguir explicar adequadamente os fenômenos sociais e políticos da atualidade. (NIEMAN, 2003).

Na interpretação que Pareyson faz de Dostoiévski, o mal pode resultar da tendência, tão frequente no homem, de transgredir a norma, seja lei moral, ou costume tradicional, ou convenção social (PAREYSON, 2012). Nesse sentido, o mal assume o aspecto de uma consciente infração e de uma deliberada transgressão que implica a afirmação da própria liberdade ilimitada e arbitrária contra o preciso limite de uma norma. Trata-se, em suma, da rebelião contra uma ordem moral e contra uma lei religiosa.

A liberdade de quem sequer afirmar a si mesmo para além da lei moral e chega ao ponto de esquecer a distinção entre bem e mal, por um lado, pode transformar-se em instinto de destruição e, por outro, pode apresentar-se como gosto pela infração, como prazer pela transgressão, como gozo pela violação da lei. Nasce aqui a perversão propriamente dita, pela qual se faz o mal não só pela deliberada vontade de infringir a lei, mas também pelo prazer desta consciente e voluntária transgressão: fazer o mal pelo mal, “ofender pelo gosto de ofender”, “ser feliz por cometer crimes”. (PAREYSON, 2012, p. 59).

Ainda este autor afirma que Dostoiévski reconheceu a extrema e mais completa forma do mal na dissolução da personalidade, no sentido de que a ação do mal no homem só pode ser dissolvente e desagregadora. Uma personalidade em que a presença do mal se insinue e prevaleça tende a dissolver-se: por mais vigorosa e robusta que seja, a sua força vai sendo

empregada em aspirações imoderadas e titânicas ou em ações inadequadas e dispersas (PAREYSON, 2012).

Encontra-se na teologia definições do que seja o mal. Segundo a Teologia, a palavra **mal** pensada como o oposto do bem (Gn 2.9,17) sempre se mostra prejudicial e causa perda e sofrimento. Por séculos, o homem pergunta o que move o espírito humano a escolher uma boa ou uma má ação.

O **objeto de estudo** desta pesquisa perscruta um encontro reflexivo sobre o mal nas reflexões de Dostoiévski em Escrito da Casa Morta e o conceito de banalidade do mal em Hannah Arendt: “Eichmann em Jerusalém — Um relato sobre a banalidade do mal”.

Daí parte de sua descrição do ambiente infernal e perigoso do sistema prisional russo, onde Dostoiévski estava encarcerado. O escritor e filósofo russo Fiódor Dostoiévski explora de forma exaustiva o mal religioso, moral e social em sua literatura. Para melhor compreender o mal em Dostoiévski, apoiamos também nas definições e elaborações sobre o mal, como o que foi trabalhado pelas filósofas Hannah Arendt e Susan Neiman.

A presente dissertação tem como **objetivo geral** desta pesquisa mostrar como o mal se revela no ser humano, tomando como base os contrapontos do pensamento de Dostoiévski /Hanna Arendt, em que o mal se revela na ação do homem em sociedade e/ou como parte do interior do homem.

Para tanto, os seguintes **objetivos específicos** se colocam: (a) explicar como a questão do mal é articulada e definida na obra Escritos da Casa Morta;(b) examinar a concepção de banalidade do mal em Hanah Arendt; (c) Comparar interfaces relacionais na questão do mal entre os dois autores.

Dessa forma, o foco desta dissertação está encravado no ser humano, como ser individual e coletivo, ou seja, como o mal nele se revela. Então, realiza-se a descrição do ambiente infernal e perigoso do sistema prisionalrusso, onde Dostoiévski estava encarcerado e como o mal se manifesta hoje e como os direitos humanos podem enfrentá-lo.

No que toca a **relevância** do tema, o escritor, poeta e filósofo russo Fiódor Dostoiévski explora, de forma exaustiva, o mal religioso, moral e social em sua literatura. Para melhor compreender o mal em Dostoiévski, é necessário trazer à luz algumas definições e elaborações sobre o mal, trabalhado pelas filósofas Hannah Arendt e Susan Neiman, como ele se manifesta na sociedade.

O mal em Dostoiévski resulta da tendência, tão frequente no homem, de transgredir a norma, seja esta moral, ou costume tradicional, ou convenção social. Nesse sentido, o mal assume o aspecto de uma consciente infração e de uma deliberada transgressão que implica a

afirmação da própria liberdade ilimitada e arbitrária contra o preciso limite de uma norma. Trata-se, em suma, da rebelião contra uma ordem moral e contra uma lei religiosa.

A **contribuição** fica exposta, quando se realiza uma reflexão da relação do mal em duas concepções pensadas como resultante das reflexões de Dostoiévski no século XIX em *Escritos da Casa Morta* e a situação da banalização do mal na atualidade na visão de Hannah Arendt e Neiman.

O **método** é hermenêutico. A Hermenêutica é o método interpretativo que procura compreender um determinado texto. Expressão provinda do grego *Hermeneuein* e tem o sentido de interpretar, explicar de uma forma geral a passagem textual em questão, tentando nela encontrar a alegoria presente. A prática mais convencional para se pesquisar o sentido e, por extensão, o significado de qualquer outro texto, é partir do autor, do que este desejou transmitir em plena consciência, ao elaborar seus escritos. Dessa forma, é importante comparar as várias obras produzidas pelo escritor, para se verificar o que ele disse em diferentes momentos, considerando-se sempre as línguas em que os textos foram criados. A Hermenêutica moderna surgiu inicialmente como reflexão sobre os fundamentos e a metodologia referente à interpretação dos textos religiosos, literários e legais. Hoje ela se subdivide em: hermenêutica bíblica, filológica, científica, aplicada, fenomenológica e cultural.

Nesse sentido, são analisadas as obras de Dostoiévski **“Escritos da Casa Morta” (2020)**, como o núcleo de compreensão do mal, estabelecendo relações com a obra de Hannah Arendt: **“Eichmann em Jerusalém — Um relato sobre a banalidade do mal” (1999)**.

A **dissertação é estruturada** em uma introdução, quatro capítulos e o resultado. **Introdução** na qual apresenta-se o problema, justificativa, objetivos: geral e específicos, metodologia e plano de trabalho. **O capítulo 1** – Introdução. **Capítulo 2** - aborda Dostoiévski sob a ótica do homem e sua obra. **O Capítulo 3** - descreve o problema do mal a partir da obra *“Escritos da Casa Morta”*(2020), de Dostoiévski, juntamente a *“Correspondências”* (2011). Neste capítulo, mostra-se como o mal se dava dentro do recinto prisional, no então presídio de trabalhos forçados em **Omsk na Sibéria** durante os quatro anos em que o autor ficou como dissidente político, visando apresentar um lastro teórico para a análise sobre como a questão do mal é assimilada pelo senso comum. **Capítulo 4** – descreve a banalidade do mal em Hannah Arendt: *“Eichmann em Jerusalém — Um relato sobre a banalidade do mal”* (1999), e o capítulo **5** – Encontros - compara interfaces relacionais na questão do mal entre os dois autores. **Resultados** - quando da reflexão sobre os fatos ocorridos nos dois casos percebe de imediato o encaixe neles das concepções de mal propostos pelos dois autores.

2 DOSTOIÉVSKI: O AUTOR E A OBRA

Fiódor Mikháilovitch Dostoiévski nasceu em 30 de outubro de 1821, no pavilhão esquerdo do Hospital Marinskiem, em Moscou, e foi batizado na igreja privada de Bojédomka, em Moscou, vindo a falecer em 28 de janeiro de 1881, em São Petersburgo, aos 59 anos.

A família Dostoievsk lia a Bíblia, a história da Rússia e certos autores, conforme citados neste parágrafo. Dr. Mikhail Andriévitch assistia obrigatoriamente os filhos – e assim ensinava-lhes latim e versava sobre geometria métrica e aritmética básica. Quando as necessidades intelectuais foram mais exigentes, precisou contratar um professor para ensinar-lhes História Sagrada e outro para francês. Aos doze anos, Fiódor e seu irmão Mikhail estão como semipensionistas, em que estudam francês, um pouco de matemática e de estudos eslavos.

Na época, Dostoiévski lia com grande satisfação os romances históricos de Walter Scott e as narrativas de um realismo água com açúcar de Dickens. Leu **Dom Quixote, de Miguel de Cervantes** (1547-1616), **as peças de William Shakespeare** (1564-1616) e **os poemas de Goethe** (1749-1832). Tinha uma admiração incondicional pelo teatro de **Friedrich Schiller** (1759-1805) e fica marcado para sempre por uma representação de Os Bandoleiros, encenada no Teatro Maly e com grande elenco. Fora influenciado notadamente por Victor Hugo, George Sand, Dickens, e mesmo de **Ernst Hoffmann** (1776-1822).

O imaginário de Dostoiévski é o que o une a um dos maiores escritores ocidentais, **Honoré Balzac** (1799-1850), que foi tão pouco realista quanto ele. Dentre os grandes russos, Dostoiévski se liga imediatamente a **Nikolai Gogol** (1809-1852), sobretudo nos seus primeiros romances.

O ambiente da Rússia naquele período era de intensa agitação social. Historicamente, durante as campanhas napoleônicas de 1812-1814, os russos tomaram contato direto com a cultura ocidental, e a França era o foco. Como por toda a Europa, assim como na Rússia, formaram-se sociedades clandestinas, imbuídas das novas ideias socialistas e progressistas.

Inicialmente, emergiriam dois grupos no seio da sociedade russa que pensavam e faziam oposição ao czarismo absolutista. O primeiro grupo reconhecido como **ocidentalistas**, influenciados pelas teorias socialistas de **Jean Baptiste frank Fourier** (1768-1830), **Claude Henri de Rouvroy**, reconhecido como **Conde de Saint-Simon** (1760-1825), e **Louis Jean Joseph Charles Blanc**, reconhecido como **Louis Blanc** (1811-1882). O segundo grupo reconhecido como **os eslavófilos** que pensavam uma Rússia voltada exclusivamente para suas fontes tradicionais, as suas próprias instituições e reformas.

Por volta do início dos anos 40, século XIX, se formariam subgrupos de revolucionários

progressistas constituídos pela classe dos estudantes universitários, jornalistas, escritores, comerciante, funcionários públicos privados e pequeno-burgueses. Dentre subgrupos formados, destacava-se o de **Mikhail Vasilyevich Butashevich Petrachévski** (1821-1866), personalidade culta e funcionário contratado como tradutor e intérprete no Ministério das Relações Exteriores. Não existia neste subgrupo nenhum programa definido, muito menos algum plano de ação. Os presentes neste círculo se debruçavam em leituras de foro ocidental: **George Sand, Fourier, Louis Blanc**. Dostoiévski fora apresentado a **Petrachévski** em 1846. Em 1847, passaria a frequentar o **círculo dos petrachevskistas** às sextas-feiras por simples curiosidade.

O destino da vida de Dostoiévski viraria de ponta a cabeça em 23 de abril de 1849, quando recebeu a ordem de prisão e, naquele mesmo dia, se encontraria encarcerado na fortaleza de Pedro e Paulo. Aguardaria, ali encarcerado, Dostoiévski, a organização do processo contra os petrachevskistas.

Enquanto encarcerado, escreveria o conto **“O Pequeno Herói” (1849)**, narrativa poética, em que descreveria o despertar do instinto sexual num rapazinho de onze anos, e aí também continuaria e terminaria **“Niétotchka Niezvânova” (1849)**, que era, ao mesmo tempo, o drama de um gênio fracassado e também o despertar da sensibilidade e da inteligência na alma de uma jovem (NUNES, 1963, p.39).

Presos por conspiração política, ele e os demais envolvidos no conhecido **círculo de Petrachévski** foram exibidos ao público na conhecida praça Semionóvski, usada pelas autoridades para desfiles militares. Cercados por um cordão de isolamento realizado por militares do Exército russo e por uma multidão que assistia à distância, os petrachevskistas foram submetidos a uma farsa de execução, encenada cuidadosamente por ordem de **Nicolau I**. A ordem de suspensão da execução viria informando que suas vidas haviam sido poupadas e a sentença comutada por quatro anos de trabalhos forçados, na categoria de presidiário e, em seguida, mais quatro anos à disposição do Exército russo na categoria de soldado raso. Segundo o próprio Dostoiévski (2021, p.66),

Na chegada a Omski os presos condenados por conspiração política e eu – fomos levados aos ferros. Precisamente à meia-noite da véspera de Natal, as correntes tocariam-me pela primeira vez. Eis os procedimentos àquela época. Primeiro, as correntes pesavam aproximadamente cinco quilos e atrapalhavam imensamente a locomoção.

Assim, o ambiente em que Dostoiévski se viu jogado o deixou perplexo: consternação e horror. Para seus correspondentes em cartas, descreve as longas noites de inverno, quando os

presos eram recolhidos mais cedo aos barracões e tinham de passar várias horas juntos, antes de serem vencidos pelo sono. Ele dá vazão à amarga misantropia que o assaltou nos primeiros dias de prisão. Pintaria um quadro sombrio e exprimira um duro julgamento: vozerio, ruídos, risos, insultos, barulho de correntes arrastando, fumaça e fuligem, cabeças raspadas, rostos cheios de cicatrizes, roupas em farrapos, tudo corrompidos. Este quadro deixaria em Dostoiévski marcas profundas no fundo de sua alma e em seus pensamentos.

A carta de Dostoiévski dirigida ao seu irmão e a outros correspondentes revelavam uma descrição das condições físicas do sistema carcerário e a aparente contradição entre as duas maneiras de ver os companheiros de presídio (indivíduos com boa formação educacional de um lado e indivíduos total e inteiramente brutalizados pelo modo de vida de outrora, de outro) ilustra o processo de descoberta que se desenvolveu entre o início e o fim do seu encarceramento – quando então já havia conseguido penetrar além da superfície abominável e chocante e alcançar uma compreensão mais precisa das profundidades psíquicas e morais daqueles companheiros condenados por toda e qualquer espécie de crimes.

Após o cumprimento dos primeiros quatro anos de sua sentença recluso no presídio de Omski, sua liberação fora datada em fevereiro de 1854. Dostoiévski parte para o cumprimento dos próximos quatro anos de sua sentença, então, foi enviado como soldado raso para o batalhão da Sibéria, instalado na cidade de Semipalatinsk.

Neste ambiente normal e acolhedor, começou a redigir os **Escritos da Casa Morta**, em casebre de madeira que lhe serviria de albergue (NUNES, 1962). Em 1856, é promovido a oficial e, em 1857, casa-se com Maria Dimitrievna.

A necessidade de explicar-se e de participar das atividades coletivas levou-o, quando mal chegara da Sibéria, a fundar duas revistas: **Vremia** e **Epokha**, que resultaram em malogro financeiro (...). Seus romances foram publicados em revistas literárias, publicados em folhetins. O trabalho do escritor foi, de certo modo, influenciado pela presença da segunda esposa, Ana Grigorievna, zelando pelo conforto e pela tranquilidade do marido. Dostoiévski parece ter morrido mais que satisfeito com a compreensão e o auxílio da sua segunda mulher, dedicando-lhe o último e o mais grandioso de seus romances **Os Irmãos Karamazov** (ROSA, 1980).

O tipo do romance de Dostoiévski surgiu já nos seus anos de mocidade, quando a crítica russa passava a desenvolver em profundidade a teoria dos gêneros narrativos (GROSSMAN, 1967). Três gêneros fundamentais – **a epopeia, a poesia lírica e o drama** - fundem-se na forma complexa e coesa do novo romance. Ainda segundo Grossman¹, o pintor de costumes das

¹ Leonid Grossman: Famoso crítico e escritor Soviético; Especialista nas obras de Dostoiévski

espeluncas de Petersburgo, impele contra o coração do leitor toda a força de um grande poeta. Em qualquer romance de Dostoiévski, encontraremos os mesmos princípios de construção do todo, na base do contraste entre a queda do homem e a sua beleza espiritual.

Semelhante construção de uma grande composição épica, baseada em conflitos ideológicos de extraordinária agudez, colocava diante do romancista dificuldades imensas. Não raro, conforme testemunham suas cartas, ele ficava extenuado sob o peso das tarefas a que se propusera. A tensão do processo criador, que atirava incansavelmente sobre o papel dezenas de planos, imagens e episódios, descarregava-se inesperadamente por meio de prolongadas interrupções, que suscitavam no autor dúvidas torturantes sobre a exequibilidade do que pensara (GROSSMAN, 1967).

Dentre as obras escritas pelo autor, na **fase da juventude** (1846-1849), podemos citar: **Gente Pobre** (1846), **O Duplo** (1846), **o Senhor Prokhatchin**(1846), **Romance em Nove Cartas** (1847), **A Senhoria** (1847), **Noites Brancas** (1848), **Polzunkov** (1848), **Coração Fraco** (1848), **O Ladrão Honesto** (1848), **Uma Árvore de Natal e uma Boda** (1848), **O Homem Debaixo da Cama** (1848).

Na **fase de transição** (de 1859-1865), temos: **O Sonho do Titio** (1859), **A Aldeia de Stiepanchinkov e seus Habitantes** (1859). **Humilhados e Ofendidos** (1861), **Sonhos de Petersburgo em Verso em Prosa** (1861). **Recordações da Casa dos Mortos** (1862), **Uma História Desagradável** (1862). **Notas de Inverno Sobre Impressões de Verão** (1863). **Memórias do Subsolo** (1864), e **O Crocodilo** (1865).

Em sua **fase de maturidade** (de 1866-1881): **Crime e Castigo** (1866), **O Jogador** (1867), **O Idiota** (1869), **O Eterno Marido** (1870), **Os Demônios** (1872), **O Diário de um Escritor** (1873), **Bóbok**(1873). **O Adolescente** (1875), **Uma Criatura Dócil** (1876), **O Mujiue Marei** (1876), **O Sonho de um Homem Ridículo** (1877) e antes de sua morte escreveu. **Os Irmão Karamázov** (1881).

Como mostra Tchirkóv (2022) para Dostoiévski, a força da vida, a vontade de viver, é o elemento essencial que sustenta as galés em meio às condições de inumanidade e privações, que os impelem a suportar torturas físicas que os deixam transformados numa massa ensanguentada e imóvel a qual é conduzida quase inanimada à solitária, e a renascer de novo para a vida. Sendo assim, para Dostoiévski, os prisioneiros são sonhadores apaixonados, ocultando sonhos irrealizáveis e irrenunciáveis.

E essa autodefesa é pura e simplesmente a capacidade humana de ter esperança. A esperança era uma força sempre presente na vida dos presidiários, e Dostoiévski descreve uma vasta gama de suas variações. Muitos prisioneiros, como ele próprio, haviam sido condenados

a penas curtas, de modo que era natural que todos os seus pensamentos se voltassem para o grande dia de sua libertação. “Desde o primeiro dia de vida no presídio”, escreve Dostoiévski, “comecei a sonhar com a liberdade” (FRANK², 2008).

² Joseph Frank foi um estudioso literário americano e um dos principais especialistas na vida e obra do romancista russo Fiódor Dostoiévski.

3 O MAL EM “ESCRITOS DA CASA MORTA”, DE DOSTOIÉVSKI

Nesta sessão, descreve-se o problema do mal a partir da obra “Escritos da Casa Morta” (2020), de Dostoiévski. Mostra-se como o mal se dava dentro do recinto prisional, no então presídio de trabalhos forçados em Omsk, na Sibéria, durante os quatro anos em que o autor ficou como dissidente político, visando apresentar um lastro teórico para a análise sobre como a questão do mal é assimilada pelo senso comum, as cartas, as leituras durante a prisão e a importância dos autores lidos pelos autor.

Dostoiévski descreve o presídio como uma “casa morta”, como uma descida ao inferno, um lugar sem vida, onde o autor vai descrevendo como os presos viviam, com seus hábitos, seus costumes, suas histórias. As características de determinados criminosos que, segundo o autor, cometeram crimes inapeláveis, desta forma, pôde conhecer esses homens em condições excepcionais, em situações extremas. Assim, havia um mundo especial, que não se assemelhava a mais nada, tinha as suas leis especiais, os seus uniformes, os seus usos e costumes, e a Casa Morta ainda com vida, uma vida como em nenhum outro lugar, e pessoas especiais (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.37).

Foi essa descida ao “inferno” que fez com que Dostoiévski pudesse dirigir o olhar para cada recanto da vida e da alma humana. Segundo Frank, “Dostoiévski descobriu a “maldade” da “natureza humana” no presídio” (FRANK, 2008, p.212).

Conheci alguns prisioneiros em Tobolsk; em Omsk, preparei meu espírito para viver quatro anos em sua companhia. São homens rudes, raivosos, amargurados. Seu ódio pela nobresa não tem limites; eles olham para todos nós, que pertencemos às classes mais abastadas, com hostilidade e rancor. Teriam nos devorado se tivessem a oportunidade. Julgue, então, o perigo que corremos, tendo que coabitar com essas pessoas por alguns anos, comer com eles, dormir ao seu lado, e sem qualquer possibilidade de reclamar das afrontas que eram constantemente direcionadas a nós (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.69).

Quanto às observações de Dostoiévski sobre os trabalhos forçados em Escritos da Casa Morta, há a descrição da deformação e a degradação moral do homem, como também descreve as inúmeras diversidades de realidades e, principalmente, a diversidade de caracteres. Por quatro anos, Dostoiévski não só vivenciou este universo que outrora era desconhecido para ele, como denunciou nos Escritos da Casa Morta. Os relatos sobre a vida dos presos, com seus crimes, cada preso trazia consigo sua história de vida pregressa e era contada entre eles.

Todavia, apesar de todos os pontos de vista possíveis, qualquer um concorda que há tais

crimes os quais , desde que o mundo é mundo, em toda a parte e sob qualquer legislação, sempre foram considerados crimes inapeláveis, e assim o serão enquanto o homem continuar sendo homem (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.47).

Para o autor, existia criminoso que era irrecuperável, que cometeu crimes os quais, perante a lei, eram irrevogáveis e que não havia a mínima possibilidade de o criminoso se redimir, pois era a personificação do mal. Segundo Dostoiévski, o mesmo preso que cometeu uma infração pequena estava no mesmo ambiente nos quais se encontravam criminosos que cometeram crimes severos e todos dividiam o mesmo espaço, e o mesmo castigo. Era impossível o criminoso que cometeu penas leves se tornar um indivíduo melhor, visto que dividiam o mesmo espaço e conviviam com os presos que cometeram crimes inapeláveis; ao contrário, acabavam se tornando um indivíduo pior.

Nos Escritos da Casa Morta, Dostoiévski nos surpreende com a descrição psicológica de alguns presos que, de certa forma, deixaram marcas em sua memória. Para Rosa, “Dostoiévski é múltiplo e contraditório” e “[...] definir a sua personalidade excessivamente rica é mais do que difícil” (ROSA, 1980, p.348) e Bakhtin diz que:” O crime nos romances dostoiévskianos é uma colocação vital do problema ético-religioso. O castigo é uma forma de sua solução (...) (BAKHTIN, 2015, p.11). Dentre os criminosos mais inveterados, ele destaca Gázin, A-v e Orlóv:

Aquele Gázin era um ser pavoroso. Produzia em todos uma impressão de horror, angustiante. Sempre me pareceu que nada podia haver de mais ferroz e monstruoso do que ele (...). Mas nenhum deles provocou em mim uma impressão tão repugnante como Gázin. Às vezes eu tinha a impressão de estar diante de uma aranha enorme, gigantesca, do tamanho de um homem (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.80).

Para o autor, este preso não era ingênuo e era muito inteligente. E compara Gázin a uma aranha, que, para Frank (2008, p.214), “[...] é uma imagem frequente como símbolo do mal absoluto e que pertence à espécie de gente que fascinava o escritor por seu horror”. Nas notas do tradutor, Bezerra destaca que “a personalidade de Gázin é demoníaca”; o autor compreende sua imagem como a “encarnação do mal em estado puro, sendo a violência contra as crianças um sinal de obsessão demoníaca” (BEZERRA em DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 397), afirma que “a força maligna tem como símbolo a imagem da aranha” (op. Cit. p.397) e observa que “Em Gázin, expressa-se o caráter destruidor do mal” (DOSTOIÉVSKI, 2020, 397).

Contavam também que antes ele gostava de esfaquear criancinhas

unicamente por prazer: levava a criança para um lugar propício, primeiro a assustava, torturava e, depois de plenamente satisfeito com o pavor e o tremor da pobre e pequena vítima, esfaqueava-a em silêncio, devagarinho, saboreando o prazer (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.81).

De acordo com Dostoiévski, Gázin era um indivíduo cruel que gostava de amedrontar, martirizar e matar por satisfação e gostava de proceder em silêncio e devagar para saborear cada etapa do processo. Gázin era aquele tipo de criminoso que possuía autocontrole quando não estava embriagado, se mostrava tranquilo e não discutia com quem quer que seja. Falava o necessário e se achava melhor que os demais detentos e não era agradável. Sua atitude era de uma pessoa lenta, calma e autoritária. Ainda segundo Dostoiévski, Gázin não era um bobo, era um indivíduo astuto, convencido, ardil e malvado.

Sobre A-v, outro preso, Dostoiévski escreve:

O que muito contribuiu para isso foi o meu encontro com A-v, também um detento, que chegara ao presídio um pouco antes de mim e me marcara pela impressão particularmente angustiante que me deixou logo nos meus primeiros dias. (...) Naquele primeiro momento de angústia, ele envenenou e agravou os tormentos da minha alma. Não posso calar sobre ele (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 112)

A-v foi um detento que chegou ao presídio um pouco antes de Dostoiévski e que marcou muito o autor assim que chegou ao presídio justamente por causa dos tormentos que o autor estava vivendo e também devido à forma como aquele preso contaminava a mente de Dostoiévski. Esse detento causou uma terrível impressão, deixando Dostoiévski com repulsa do seu comportamento degradante. Era um detento que não tinha remorso e nenhum escrúpulo.

Segundo o autor, durante o período de galé, A-v passou a ser visto como um “pedaço de carne com dentes e estômago” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.113). Um indivíduo sem sentimento nenhum ao próximo e que, quando tinha a oportunidade, mataria sem remorso. O caráter de A-v é de alguém sem remorso e com as características de um ser deformado. Um vilão, pessoa repugnante que pode matar sem arrependimentos ou qualquer concepção. E reafirma que: “Por vários anos, vivi entre assassinos, pervertidos e rematados facínoras, mas afirmo categoricamente que em toda a minha vida nunca encontrei uma decadência moral tão descarada como em A-v” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.113).

Para Dostoiévski, A-v era o exemplo do limite ao qual podia chegar a carnalidade do homem, a qual não é interiormente contida por nenhuma norma, por nenhuma lei. E segue: “E como me era repulsivo olhar aquele eterno sorriso de escarnecimento. Era um mostro, um

Quasímodo moral! Acrescente-se a isso que era ladino e inteligente, bonito e até um pouco instruído, e capaz” (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 113).

Sobre Orlóv, Dostoiévski escreve:

Levado pela curiosidade, cheguei-me a ele da forma mais íntima e o estudei durante uma semana inteira. Posso afirmar, na plena acepção da palavra, que em minha vida nunca encontrei um homem de índole mais forte, de ferro (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.91).

Dostoiévski tentou se aproximar de Orlóv por curiosidade e chegou à conclusão que nunca tinha conhecido um homem de estrutura mais forte que aquele. Orlóv era um indivíduo que tinha um autocontrole e desdenhava das torturas e das penas. Era uma criatura que abalou Dostoiévski por sua força. Dostoiévski esforçou-se para falar com ele sobre seu destino, porém foi em vão. Quando Orlóv entendeu que Dostoiévski queria descortinar os seus pensamentos a fim de perscrutar a sua alma, Orlóv reagiu com desprezo e vaidade e considerou Dostoiévski como uma criança tola. “No fundo, era-lhe impossível não me desprezar, e forçosamente devia me ver como um ser resignado, fraco, deplorável e inferior a ele em todos os sentidos”. (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 92).

Orlóv chegou a se compadecer de Dostoiévski, mas, logo em seguida, soltou uma gargalhada debochada. Para o autor, era difícil Orlóv não o desdenhar e não o ver como um ser que era paciente, frágil e irrelevante. Dostoiévski via Orlóv como um ser desprezível, com sua arrogância e falta de caráter e que zombava de pessoas moralistas como Dostoiévski. Na realidade, Orlóv é o tipo de criminoso que se coloca na posição de um homem sem limites, onde tudo é permitido e, na realidade, a própria encarnação do mal na sua forma mais plena é o mal na sua realidade mística, é o super-homem. É no super-homem que se originam as personalidades fortes do autor, é uma besta-fera.

Nas notas do tradutor, Bezerra destaca que “o encontro com homens como Gázin e Orlóv foi um acontecimento decisivo na vida espiritual do escritor” (BEZERRA em DOSTOIÉVSKI, 2020, p.398). Esse encontro fez com que ele mudasse por completo seu julgamento sobre o ser humano, passa a enxergar o homem a partir de um novo prisma, um super-homem, um homem desprovido do bem, um monstro em sua desgraça.

Por quatro anos, Dostoiévski esteve entre duzentos e cinquenta presos que cometeram algum tipo de crime, dos crimes mais simples aos piores. O presídio de Omsk foi uma experiência ímpar na vida do escritor. Foi do presídio de Omski que Dostoiévski extraiu seus principais personagens. Foi em Omsk que o autor teve a oportunidade de conhecer todo o tipo

de gente desprovida de princípios e valores. Foi em Omski que Dostoiévski alcançou a sua plena maturidade enquanto escritor. O presídio de Omsk foi a oficina de onde ele extraiu seus grandes personagens que o definiu como um grande escritor. Um escritor torturado pelas questões do seu tempo, os problemas que acometia sua terra, sua gente.

3.1 As cartas e correspondências na Casa Morta

Nesta seção, serão destacados a concepção, os comentários e as opiniões de Dostoiévski sobre a prisão e sobre o mal registrado em suas cartas que eram direcionadas para seu irmão, parentes e amigos, escritas enquanto estava na prisão. Nessas correspondências, o autor registra que as pessoas de bom coração ficaram marcadas na sua memória. “Eu conheci alguns deles nesses quatro anos de prisão, mesmo entre os ladrões e homicidas. Acredite em mim, pois há, entre eles, homens de natureza profunda, forte, bela, e sempre tive grandes alegrias ao encontrar ouro puro sob um exterior rude”. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.74). Também trataremos as reflexões de autores e especialistas sobre Dostoiévski a respeito do mal, os destaques e as interpretações que eles fazem em relação ao pensamento do autor.

No caminho para Omsk, os prisioneiros foram colocados em trenós abertos, cada um com um guarda. Saíram quatro trenós com os prisioneiros. O trenó que levava Dostoiévski fez uma parada em Tobolsk e, nessa parada, Dostoiévski teve a oportunidade de conhecer algumas mulheres que eram esposas dos desembristas. Essas mulheres, ao saberem que eles iriam passar por lá, pediram ao diretor da prisão para poder vê-los. Depois de muita insistência, conseguiram marcar um encontro de uma hora com esses degredados. No encontro de uma hora, essas mulheres abençoaram e ofereceram a cada um dos degredados um exemplar do Novo Testamento, único livro permitido a entrar no presídio. Em 12 de janeiro de 1850, os degredados chegam a Tobolsk.

Conto apenas que a imensa compaixão e simpatia com que fomos tratados aqui recuperou-nos, como um grande instante de felicidade, de tudo que havíamos passado antes. Os prisioneiros de outros tempos (e, sobretudo, suas esposas) cuidaram de nós como se fôssemos da família. Aquelas almas nobres, formadas vinte e cinco anos de sofrimento e auto-sacrifício! Vemos a todos eles muito raramente, pois somos vigiados muito de perto (...)
(DOSTOIÉVSKI, 2011, p.68)

Desse grupo, três mulheres (sra. Muraviova, a sra. Ánenlova e, a sra. Natalia Fonvívina)

se destacaram, sendo esta última que marcou profundamente o autor. Durante os longos quatro anos de Dostoiévski no presídio, esta mulher foi uma das responsáveis para entregar suas correspondências.

No tocante a suas impressões no presídio, registradas em suas correpondências, Dostoiévski menciona suas incertezas sobre o seu futuro pois não sabia o que lhe aguardava na prisão. Faz a descrição de todas as paradas durante a sua viagem ao presídio de Omsk. Cada detalhe é registrado pelo autor, desde as datas, quantos dias levou, descreve o ambiente como também o destino das pessoas que marchavam com ele para o presídio, inclusive, alguns companheiros do grupo de revolucionário de Petrachevski que marchavam também para a prisão em Omsk. Na carta que escreveu a seu irmão Mikhail, em 30 de janeiro, em Omsk: “Você mal havia me deixado e nós três – Durov, Iastrjembski e eu – fomos levados aos ferros. Precisamente à meia-noite da véspera de Natal” Dostoiévski (2011, p.66).

Na carta que escreveu a seu irmão Mikhail em 27 de agosto de 1849, o autor descreve sua ida à Sibéria após o período que ficou na Fortaleza de Pedro e Paulo em São Petersburgo. Nessa prisão, descreve sua cela e seu estado de espírito. Algo extraordinário que se nota em Dostoiévski é a sua capacidade de escrever suas obras durante um período de privação e enfermidade. O autor tinha crises epiléticas. Ele destaca em sua grande obra “O Idiota” o personagem Michkin, que era acometido por esses distúrbios.

[...] como se minha cela fosse a cabine de um barco a vapor. De tudo isso, concluo que meus nervos estão cada vez mais deteriorados. Sempre que tenho esses distúrbios nervosos, uso minha perturbação para escrever; em tal estado posso escrever muito mais e melhor que o normal (...) (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.56).

Para compreender as concepções sobre o mal nos pensamentos de Dostoiévski em destaque no texto dos “Escritos da Casa Morta” em um exercício de hermenêutica sobre seu pensamento, visitamos também outros autores, especializados na obra do autor. Aqui, apoiamos nos em outras reflexões de estudiosos que se detiveram sobre o autor e sobre o bem, mal e a

liberdade na vida e produção de Dostoiévsky: Berdiaev³ (2021); Pareyson (2012)⁴ e Tchirkóv⁵ (2022), com menos intensidade, as contruições de Rosa (1980) e Nunes⁶ (1962).

Em Dostoiévski, segundo Berdiaev (2021), não tem como explicar o mal sem liberdade, visto que é na liberdade que as pessoas se corrompem e se tornam tirânicas. A tirania leva o homem ao caminho do mal e o mal, por sua vez, leva o homem ao crime. Na realidade, Berdiaev coloca o mal em Dostoiévski como uma engrenagem, isto é, o mal está ligado à liberdade, e o excesso de liberdade leva o homem a se corromper, a corrupção leva à tirania e a tirania leva o homem ao caminho do mal.

Também na leitura de Pareyson (2012), encontramos uma interpretação do mal em Dostoiévski como produto da vontade e da liberdade do homem, que consciente e intencionalmente comete uma ação maléfica, ou seja, nela, se satisfaz e até se deleita. Em outra perspectiva, Tchirkóv (2022) afirma que a concepção de mal neste autor é universal, é a antítese de Deus, é personificado em imagens universais de tons majestosos, com alguma aura de demonismo (o Lúcifer de Dante, o Satã de Milton, o Mefistófeles de Goethe, o Lúcifer de Byron, entre outros), é representado numa imagem principalmente rebaixada.

Por fim, para Rosa (1980), o mal em Dostoiévski surge quando a liberdade se degenera em arbítrio, o arbítrio degenera em coação. Segundo Rosa, este é o processo fatal. Aquele que se decide pelo caminho da arbitrariedade acaba negando a liberdade da consciência religiosa, a liberdade do espírito humano e, para Nunes (1962), o mal se origina de uma liberdade revoltosa que nega as leis fundamentais gravadas na consciência humana. O homem, por sua vez, permite-se ir até ao crime. A consciência é o grande juiz que inflige castigo, quando os tribunais não o aplicam. O crime tem sempre por consequência o castigo na consciência humana.

³ Nikolai Berdiaev (1874-1948), ucraniano, autor da obra “O Espírito de Dostoiévski”, filósofo e profundo conhecedor da tradição intelectual ocidental. Assimilou completamente os trabalhos de Aristóteles, Platão, Kant, Nietzsche, Hegel e Schopenhauer. Sua filosofia era de um “existencialismo” e seus trabalhos refletem um conhecimento profundo de muitas tradições místicas do ocidente e do oriente.

⁴ Luigi Pareyson (1919-1991), italiano e autor da obra “Dostoiévski: Filosofia, Romance e Experiência Religiosa” que foi publicada postumamente por dois discípulos de Pareyson a partir de anotações deixadas pelo autor em seus papéis. Esta obra compõe-se de duas partes: “Primeiro Olhar”, que recolhe aulas de um curso sobre o pensamento ético de Dostoiévski ministrado em 1967; e “Aprofundamentos”, em cujos ensaios o autor desenvolve elementos centrais de sua análise.

⁵ Nikolai Tchirkóv (1891-1950), russo, professor e crítico literário, jamais viu um livro ou artigo seu publicado em vida. Sua principal obra: “O Estilo de Dostoiévski”.

Virginio Santa Rosa (1905-2001) foi um engenheiro ferroviário e político brasileiro e autor da obra: “Dostoiévski, um cristão torturado”.

⁶ Maria Natália Nunes (1921-2018), portuguesa e autora de várias obras, desde ficção, teatro, memórias e viagens, ensaios e traduções. Traduziu: “Dostoiévsky, Obras Completas. Vol. I, II e IV, Ed. Aguilar, Rio de Janeiro.

3.2 O que é o mal nos escritos da Casa Morta?

Dostoiévski descreve a Casa Morta como uma descida ao inferno, onde havia todo o tipo de criatura, desde os malvados aos degenerados. A maioria era libertina e demasiado envilecida. “As intrigas e bisbilhotices eram constantes: aquilo era um inferno, trevas impenetráveis”. (DOSTOIÉVSKI, 2020, p. 43) Era um mundo de trevas onde tudo estava contaminado pelo mal e o mal estava impregnado nos recantos do coração do homem, na sua natureza. O mal é o caminho que conduz o homem ao desastre e a sua desumanização. Segundo Tchirkóv (2022, p.30), Ele sentiu e conheceu essa força em sua forma mais penetrante justamente nos trabalhos forçados, nas condições de extrema humilhação da vida e da personalidade do homem, e a conheceu tanto em si mesmo como nos outros.

Dostoiévski ressurgiu das cinzas da Sibéria com uma nova ideia de homem, de mal, de liberdade e de bem. Para o autor, o mal corrói e degenera a natureza humana. A prisão custou ao autor profundas e profícuas reflexões que foram colhidas pela sua experiência como galé. O mal passou a fazer parte de suas principais obras e personagens. Esse mergulho só foi possível pela experiência ímpar que viveu como preso político, em convívio com todo o tipo de criminoso.

Podemos inferir que as reflexões sobre o mal o qual foi marcado nos Escritos da Casa Morta demonstram que sua experiência afetou sua produção literária como escritor. A prisão possibilitou discursões e levantou questões que pesava sobre o crime e o castigo. Parece-nos que o autor expõe o mal em toda a sua nudez e plenitude. Durante os quatro anos, pôde extrair do presídio em convívio com os prisioneiros o que há de mais profundo na natureza humana. Ele revela a nudez do mal no interior do homem em sua forma mais plena e enigmática, visitando os recantos da alma e descurtinando o mal que pesa sobre sua natureza.

Dostoiévski era um artista, foi o criador de uma arte em que seus personagens vão criando vida e se movimentando, estão em constante ebulição, são como vento, levados pela força do destino. São almas condenadas pelo crime e pelo castigo, são almas que passaram pelo fogo do purgatório. Jorram como turbilhões de emoções que vão e vem, são almas inquietas e aflitas pela angústia que corói o espírito e a consciência do crime que o aflige. Não é possível ler suas obras e não vivenciar esses turbilhões de emoções que vivem seus personagens.

A experiência da Casa Morta rendeu a Dostoiévski uma experiência ímpar. Dostoiévski ressurgiu das profundezas do inferno como um escritor torturado pelas questões do seu tempo. Sofria as agruras que pesava sobre o seu povo. Para Troyat (1958, p.222), “Dostoiévski não era um conservador, era um conservador russo, não era um liberal, era um liberal russo”. De

uma maturidade intelectual jamais vista, ele marcha em busca da identidade do seu povo. Podemos inferir que o mal que Dostoiévski encontrou na Casa Morta serviu de laboratório para as grandes obras do escritor russo. Em qualquer romance de Dostoiévski, encontraremos na sua base “o contraste entre a queda do homem e a sua beleza espiritual”, como bem colocou Grossman (1967, p. 16).

Na carta ao seu irmão Mikhail, de 22 de dezembro de 1849, na Fortaleza de Pedro e Paulo, em São Petersburgo, ele diz: “Fui sentenciado a quatro anos de trabalhos forçados em uma fortaleza (ao que tudo indica, Orenburg), e depois, alistamento como soldado raso” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 58). Na carta, o autor descreve o seu dia a dia. No próprio dia 22 de dezembro, eles foram levados à Praça Semionovski e de lá foi lida a sentença de morte em praça pública, deram aos mesmos a cruz para beijar e em seguida foi quebrada uma adaga sobre a cabeça dos mesmos. Na carta ao seu irmão, ele disse que foram feitos os trajes mortuários, ou seja, camisas brancas.

O escritor segue dizendo em sua carta ao irmão que três deles foram colocados diante do pelotão de fuzilamento para a execução da sentença de morte. Ele era o sexto da fila e que eram chamados em grupo de três, ou seja, ele estava no segundo grupo e tinha apenas um minuto de vida. Dostoiévski diz que em sua cabeça só lembrou do irmão Mikhail, irmão que ele tanto amava. Estavam ao seu lado seus colegas Plechtchéiev e Durov. Segundo Dostoiévski, no último momento, a magestade imperial suspendeu a sentença de morte e então foi lida a sentença final. Ele escreve: “(...) hoje ou amanhã serei transferido” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 59).

Entre o dia 22 ou 23 de dezembro de 1849, Dostoiévski deixaria a Fortaleza de Pedro e Paulo e seguiria para seu novo lar, até então era incerto qual o presídio. Para tranquilizar seu irmão Mikhail, ele escreve que “A vida é sempre vida, não importa onde se esteja; a vida está em nós mesmos e não no mundo exterior (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.59). Ora, Dostoiévski já nos dá uma ideia da concepção que ele tem sobre o mal, ou seja, o mal é intrínseco e não externo.

Na carta de Dostoiévski, escrita ao general Eduard Ivanovitch Totleben, em Semipalatinsk, em 24 de março de 1856:

Fui para a prisão – quatro anos tristes e terríveis. Meus companheiros eram criminosos, homens quase sem emoções humanas, de moral pervertida. Durante aqueles quatro anos, nada conheci que fosse superior – apenas a realidade mais dura e cruel. Não havia um único ser com o qual eu pudesse trocar palavras cordiais; suportei a fome, o frio e as enfermidades. Sofri com os trabalhos forçados e o ódio de meus companheiros criminosos, que se

vingavam de mim por eu ser um ex-oficial e bem nascido. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 97)

A fala de Dostoiévski nesta carta nos remete a sua posição de nobre e ex-oficial do exército russo. Antes de sua condenação, o autor queria realizar o sonho de seu pai, ou seja, se formar em engenharia e ser oficial do exército russo, porém, em sua caminhada, Dostoiévski percebeu que sua aptidão não era para ser militar, mas escritor. Perante a sociedade da época, Dostoiévski era considerado um homem bem nascido, vinha de uma linhagem de nobres e era também um ex- oficial. Conseqüentemente, dentro do presídio, ele não era bem aceito por seus companheiros e, dessa forma, com o passar dos anos, Dostoiévski tentou mudar essa visão que a maioria dos presos tinha sobre sua origem nobre.

Confesso que essa surpresa me acompanhou por todo o longo período de duração dos meus trabalhos forçados; nunca consegui me conformar com ela. Minha primeira impressão ao chegar ao presídio foi, de modo geral, a mais repugnante; porém – coisa estranha! - , apesar disso pareceu-me que viver no presídio era bem mais fácil do que eu imaginara a caminho de lá (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.53)

O trabalho no presídio não parecia ser pesado ou forçado, mas, pelo fato de ser impositivo (imposto) e obrigatório, isto é, ser realizado debaixo de castigo, punição, observa Dostoiévski que os presos rendiam bem mais nas suas atividades quando era exercida em liberdade, quando o preso trabalhava para ele mesmo e via sentido naquilo que ele realizava, não era obrigatório. “Depois compreendi que, além da privação da liberdade, além do trabalho forçado, ainda existe na vida de galé um outro tormento, que quase chega a ser mais forte que aqueles. É a convivência forçada”. (DOSTOIÉVSKI, 2020, p.54)

Para o autor, era muito penoso ter que conviver vinte e quatro horas ao lado de todo o tipo de criminoso. Não ter privacidade, ser o tempo todo vigiado pelos funcionários e pelos presos. Para o autor, não poderia haver castigo pior que esse. Na carta escrita à senhora Natalia Dmitrievna Fonvisin, no fim de janeiro e início de fevereiro de 1854, em Omsk, ele escreve:

Fico imensamente feliz por ter descoberto que trago paciência em minha alma por tanto tempo, que não desejo as coisas materiais e não preciso de nada mais que livros e a possibilidade de escrever e de estar sozinho por algumas horas todos os dias. Esse último desejo é o que mais me angustia. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.78)

O que ele mais desejava era poder estar só consigo mesmo, poder refletir, poder ler seus livros e escrever suas obras. Tudo isso foi negado a Dostoiévski durante os quatro anos

em Omsk. Essa angústia o perseguiu por muito tempo, porém, era necessário paciência, e o imenso desejo de sair da prisão o mais rápido possível.

Como os presos poderiam se regenerar convivendo com todo o tipo de bandido? Aliado a essa ausência de liberdade, a carta escrita ao seu irmão no dia trinta de janeiro de 1854, em Omsk: “Estive constantemente no hospital. Meus nervos estavam tão frágeis que tive alguns ataques epiléticos – mas não com muita frequência. Tenho agora reumatismo nas pernas também”. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.71),

Dostoiévski tinha frequentes ataques provenientes da epilepsia e, aliado a sua doença, surgiu o reumatismo nas pernas. Tudo leva a crer que foi por causa dos cinco quilos de ferro que carregava nas pernas enquanto permaneceu no presídio de Omsk. Na carta que escreveu a seu irmão Mikhail, em 30 de janeiro de 1854, pede ao irmão:

Envie-me o Corão, e a “Crítica da Razão Pura”, de Kant, e se você tiver a chance de me enviar qualquer coisa pelas vias não-oficiais, então não deixe de mandar Hegel – mas particularmente a “História da Filosofia”. Disso depende todo o meu futuro. (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.75)

Havia em Dostoiévski uma fremente necessidade de receber livros, que seu irmão enviasse por via indireta ou direta não só livros como outros materiais publicados na época, para que ele pudesse ser atualizado e desenvolver o seu trabalho antes mesmo de ser enviado para Semipalatinski. Na carta que ele escreveu, Maikov, em 18 de janeiro de 1856, diz:”Li muito pouco na prisão, pois não pude obter nenhum dos livros que eu queria (...)”(DOSTOIÉVSKI, 2011 p.92, 93).

Todo o nosso grupo está relativamente bem no degredo. Toll cumpriu sua pena e vive tranquilamente em Tomsk Iastrjembski está em Tara; seu tempo está por terminar. Spiechiov está na província de Irkutsk; (...) Petrachevski parece não estar em seu juízo perfeito; Mombelli e Lvov estão bem; o pobre Grigoriev perdeu a razão e está hospitalizado. (...) Ainda costuma visitar Madame Plestcheiev? (...) Ouvi de alguns prisioneiros que passaram por aqui que ele estava vivo e preso na fortaleza de Omsk, e que Golovinski há tempos vive no Cáucaso (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.75, 76).

Na mesma carta a seu irmão, em 30 janeiro de 1854, fala sobre o destino dos colegas que faziam parte do grupo de revolucionários de Petrachevski. Petrachevski parecia não estar em seu juízo perfeito. Ele era o líder do grupo, era um funcionário público que tinha em sua casa uma biblioteca que, na época, era proibida, eram obras de autores revolucionários. Os membros do grupo foram presos e, dentre eles, estava Dostoiévski, após a leitura de uma carta

escrita por Vissarion Belinski (1811-1848) a Nikolai Gogol (1809-1852). O conteúdo desta carta comprometia o Tsar. Foi a leitura desta carta por Dostoiévski que descidiu o seu futuro. “Fui condenado pela intenção (mas apenas pela intenção) de conspirar contra o governo; fui condenado justamente e dentro da lei (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 96)

Dostoiévski fundamentou sua obra com o nome “casa morta”, não pela ausência de mortos, mas por haver dentro dela homens vivos, ardilosos e até inteligentes, durante os quatro anos como exilado político em Omsk. Boa parte de seu tempo, Dostoiévski passou dentro do hospital militar, no presídio. Sua saúde era frágil. Foi nessas idas para o hospital que Dostoiévski teve a oportunidade de fazer uma série de anotações e estas anotações foram guardadas com a autorização do médico-chefe Ivan Ivánovitch Troitski. Nas notas do tradutor, Bezerra escreve:

Este médico não só permitiu que o famoso galé lesse e escrevesse (no presídio, o único livro permitido era a Bíblia), como prolongava, por conta própria e correndo risco pessoal, os períodos de internação do escritor, possibilitando assim a escrita e a conservação do chamado Caderno siberiano (Sibíriskaia tietrád), apontamentos que foram usados na redação dos Escritos da casa morta e em praticamente todos os seus romances subsequentes. (BEZERRA em DOSTOIÉVSKI, 2020, p.7,8)

Ivánovitch foi um indivíduo muito importante na vida do escritor durante seus quatro anos no presídio. Esse médico-chefe ariscava sua vida para ajudar o escritor. Com certeza, Ivánovitch sabia da fama do escritor. Já havia escrito outras obras, inclusive, sua primeira obra “Gente Pobre” foi bem aceita pela sociedade russa da época. Logo em seguida, publicou “O duplo”. Essa obra foi criticada pela sociedade russa da época. Sem o apoio deste médico, Dostoiévski jamais teria feito suas anotações. Essas anotações foram fundamentais para a escrita da obra a Casa Morta. A Casa Morta deu à sociedade russa uma ideia do que eram as prisões de trabalhos forçados na Sibéria. Com a publicação da obra “Escritos da Casa Morta”, houve a possibilidade de se pensar como seria possível melhorar a vida dos galés.

Sei que fui punido por minhas ideias e teorias. Mas as ideias – e mesmo as convicções – alteram-se; o próprio ser passa por mudanças. Sendo assim, é muito penoso, para mim, estar agora expiando por coisas que já não existem, que dentro de mim se tornaram, em verdade, justo o oposto, estar sofrendo por conta de meus erros passados, cuja tolice hoje percebo claramente - sentir que tenho o poder e o talento de fazer algo que poderia expiar a inutilidade de minhas primeiras obras e mesmo assim penar na inatividade! (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.97)

Na carta que Dostoiévski, escreveu ao general Eduard Ivanovitch Totleben de Semipalatinsk em 24 de março de 1856. Ele fala sobre a sua nova postura em relação às ideias e teorias que antes defendia e pregava. Dessa forma, mostra que sua nova posição está alicerçada na natureza humana e não no humanitarismo, ou seja, a única obrigação moral do homem é trabalhar para promover o bem-estar da humanidade. Dostoiévski vai além desta concepção. Ele acredita na verdadeira essência do homem, isto é, na natureza humana.

“Friedrich Nietzsche, que se entusiasmou muito com as Recordações da Casa dos Mortos quando leu o livro, pode ter visto em Orlov uma personificação do seu super-homem” (FRANK, 2008, p.214). A consciência do desdobramento do Homem-Deus e do Super-homem mostra-se presente na natureza humana, como foi pensado e admitido por Dostoiévski. A experiência fundamental e decisiva de Dostoiévski foi a constatação da realidade do mal. Não sem motivo, Berdiaev (2021) afirmou que Dostoiévski era “obcecado” pela presença do mal no seio da sociedade humana.

Ontologicamente, o mal é nada, não ser, inexistência: para existir necessita de um sustentáculo ontológico, necessita apoiar-se, num ser. Este não pode ser o absoluto, que o exclui como inexistente; este ser será, portanto o ser finito, que lhe empresta a sua realidade. Somente ali ele pode sediar-se e exercitar a sua ação negativa (PAREYSON, 2012, p.79-80).

O mal só passa a ter existência a partir de um ser, ou seja, o mal não existe por si mesmo. Todavia, ele é negação, e exercita a sua força negativa nessa sua sede adventícia. Dentro do ser finito, o mal opera como um princípio de negação, de alteração, de deformação, de separação. Ele se torna uma doença do ser, que leva à destruição e à morte. Em primeiro lugar, o mal, sediando-se no ser finito, exercita a sua negação refutando a presença do absoluto no finito. Como encontrou, no ser finito, o sustentáculo ontológico, sem o qual ele era nada, agora tenta monopolizar o ser finito, subtraí-lo da sua subordinação ao absoluto, negar nele a presença do infinito, cortar a raiz vivificante que o mantém ligado ao ser (PAREYSON, 2012, p. 80).

A força do mal está dirigida a negar, no seu portador, a presença do absoluto. O ser finito, não sendo originário, define sua própria natureza e destinação, se ligando ou ao princípio do absoluto ou à força negativa do mal; o mal, sediando-se nele, se torna resistência ao absoluto, rebelião à sua supremacia, refutação de sua presença no ser finito.

Em ambos os casos, o mal introduz, no ser finito, o germe da decomposição, embora camuflado de positivo, o princípio da negação, uma vez sediado no ser finito, não o abandona, porque, nesse caso, ele cairia na inexistência. O fato de ter parodiado a afirmação do ser não faz mais que apressar a sua ação dissolvente; então, na sua aspiração constitutiva ao não ser,

enfraquece as bases ontológicas do ser finito, impele-o para o não ser, o decompõe, o dissolve, o destrói.

Em segundo lugar, o mal, sediando no ser finito, tende a arrastá-lo consigo na sua irremediável corrida para a autodestruição: “se o mal leva o ser finito à destruição, isso acontece porque ele mesmo tende à destruição de si e ao próprio e completo aniquilamento” PAREYSON, 2012, p.82-83). Mas, segundo Tchirkóv (2022, p.297), o pensamento de Dostoiévski, “esses dois polos estão fundidos numa unidade superior, numa síntese do processo universal da vida”.

Só pelo fato de que o mal, no seu destino de negação, toca o fundo do abismo da sua nulidade, começa a ação do bem. A autodestruição do mal é já efeito da atual instauração do bem, e a instauração do bem se manifesta, antes de tudo, como autodestruição do mal. Levado às suas extremas manifestações, o mal se transforma, inopinadamente, no bem. Na crise, o mal se transforma em bem, a morte em vida, o negativo em positivo, a destruição em construção. Isto acontece de modo tão paradoxal e trágico que o sentido da vida deve ser procurado precisamente no seu caráter enigmático, e o homem só compreende a si próprio se ele se ver na sua irremediável problematicidade, e o renascimento se realiza somente com a morte do homem velho, e no nascimento de sua união com Deus.

4 A BANALIDADE DO MAL EM HANNAH ARENDT

Nesta sessão, descreve-se o mal segundo o ponto de vista de Hannah Arendt em sua obra : “Eichmann em Jerusalém – um relato sobre a banalidade do mal”.

4.1 A Banalidade do mal em Hannah Arendt: “Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal”

Hannah Arendt (nascida Johanna Arendt), 1906-1975, foi uma filósofa política que nasceu em Hannover, Alemanha, e faleceu em Nova York, Estados Unidos. Filha de família judia, ingressou na Universidade de Berlim em 1924 e foi aluna de Heidegger e Jaspers. Refugiou-se nos Estados Unidos em 1941, foi professora na New School for Social Research, Nova York. Foi uma escritora e pensadora judia mais influente do século XX. (Adler, 2007).

Ela foi uma das intelectuais mais importantes do século XX. Sua obra abrange desde filosofia, política e ética. Durante muitos anos, Hannah se questionava sobre o que produzia o mal, sobre as violências políticas, os totalitarismos, o conflito israelense-palestino, o crescimento incessante da sociedade de consumo, o aumento do número de refugiados no mundo, a redução do espaço público, a degradação de nossas liberdades. (Adler, 2007)

Hannah Arendt, segundo Adler (2007), foi a pensadora de um momento caótico, aquela que soubera diagnosticar as causas do mal que gangrenava nas sociedades. Adler também dizia que a pensadora acreditava na força do bem, nos recursos da humanidade, no futuro de um bem comum, na superação de nós mesmos por uma sociedade mais fraternal.

Antes de Rousseau, os pensadores eram forçados a adotar uma de duas posições. Alegar que este mundo o melhor é ver todos os males como fundamentalmente aparentes: o que quer que consideremos mal é na verdade parte necessária de um plano maior. Leibniz pensava que um dia entenderíamos isso, e Pope pensava que não. (NEIMAN, 2003, p. 55.),

Rousseau nunca negou a profundidade do mal, porém sustentou que o mal era histórico com o objetivo de tornar o mundo mais compreensível em teoria e aceitável na prática, neste sentido, “A explicação de Rousseau para o mal era naturalista porque não exigia recurso a forças sobrenaturais e nem ao pecado” (NEIMAN, 2003, p.60). O mal era externo e a solução para o mal dependia da ideia de que o mal se desenvolveu com o tempo e sua alternativa incorporava elementos da nova ciência, ou seja, a natureza humana tem uma história, isto é, os males morais não eram inerentes a natureza humana, desta forma, Arent

(1999, p.37) cita que:

Ao longo de todo o julgamento, Eichmann tentou esclarecer, quase sempre sem nenhum sucesso, aquele segundo ponto: “inocente no sentido da acusação”. A acusação deixava implícito que ele não só agira conscientemente, coisa que ele não negava, como também agira por motivos baixos e plenamente consciente da natureza criminosa de seus feitos.

Compreender como uma pessoa vive sob as ordens de um sistema totalitário levou Hannah Arendt a dedicar parte de sua vida para entender tal lógica, a lógica de leis genocidas que levaram a cabo mais de seis milhões de judeus e a consciência daqueles que efetivaram este projeto de genocídio. Arendt tentou compreender como se deu tal processo e se propôs a fazer esta profunda reflexão experienciando a cobertura do julgamento de Eichmann. Embora Arendt tenha sido vítima desta mesma ideologia, posto que esteve também em um dos campos de concentração por alguns dias, sentiu a necessidade de participar e de cobrir o julgamento de Eichmann, visto que ele era um dos encarregados pela logística da carnificina dos judeus. Havia em Arendt um desejo de compreender o que motivou Eichmann a cometer tal atrocidade.

Sua participação no julgamento deu a Arendt a oportunidade de refletir como funcionava a lógica das leis institucionalizadas pelos líderes e agentes nazistas. Essas leis não chegaram, segundo Arendt, a produzir “monstros”, porém, pessoas incapazes de pensar e julgar, o que redundou em uma banalização do mal. A incapacidade de pensar e julgar daqueles que atuaram direto neste projeto levou Arendt a considerar que essas atrocidades cometidas por Eichmann eram um mal, porém, por ela considerado banal, destarte, compreender como Eichmann vivia e concordava com as determinações impostas pelo estado totalitário.

Com o julgamento de Eichmann, Hannah deixou de lado o “mal radical” e adotou a “banalidade do mal”, mas o que Arendt entendia como “banalidade do mal”? No julgamento de Eichmann, Arendt chegou à conclusão de que ele era uma pessoa comum e estava em sã consciência de acordo com os testes que foram realizados com o próprio. O que assustou Arendt foi perceber que, no julgamento, Eichmann demonstrou-se incapaz de pensar e julgar. Arendt não notou em Eichmann um homem com traços diabólicos devido a seus crimes, apenas observou uma pessoa comum sem a capacidade de reflexão e julgamento sobre seus atos.

O que Arendt tentou esclarecer quanto à “banalidade do mal” é que as ações políticas perversas nem sempre são executadas por “monstros”, mas por homens incapazes de pensar e julgar. Arendt ficou perplexa ao perceber que, após o julgamento de Eichmann, seu comportamento frio e normal criou um novo padrão de criminoso, um criminoso distante de distinguir o certo do errado e que vai além dos padrões de mal da natureza humana em oposição

ao bem, como princípio de liberdade e escolha que foi proposto nas obras de Dostoiévski. Para Arendt, a condição do totalitarismo nazista criou “monstros” transvestidos de seres aparentemente normais e incapazes de pensar e julgar.

Havia a lição para o mundo não judeu: “Queremos esclarecer às nações do mundo como milhões de pessoas, pelo acaso de serem judias, e um milhão de bebês, pelo acaso de serem bebês judeus, foram mortos pelos nazistas” (ARENDRT,1999, p.20). Arendt quer que o mundo tome conhecimento de que a Alemanha nazista não foi a única responsável pela morte de 6 milhões de judeus na Europa. Todos os crimes e desgraça podem ser vistos como não totalmente intencionais, mas equivocados. Dessa forma, segundo Arendt, é necessário conhecimento e não penitência.

Na época do horror, na sua monstruosidade, parecia, para muitos, transcender todas as categorias morais e explodir os padrões de jurisdição. Segundo a autora, era algo que os homens não podiam punir de forma adequada, nem perdoar. E nesse horror, todos tendem a esquecer as lições estritamente morais e controláveis que tinham aprendido antes, e que seriam ensinadas de novo, em inúmeras discussões, tanto dentro quanto fora dos tribunais.

Estava, Arent, diante de uma pessoa comum sem nenhum traço demoníaco, normal e cumpridor do seu dever perante o estado e nada mais. Aqui, a questão do dever cumprido pode ser vista em qualquer organização burocrática, quer seja pública ou particular, é aqui que habita o medo, ou seja, as forças coercitivas provenientes da sua lógica ou da sua ideologia. Destarte, a engrenagem que está por trás de todos esses atos monstruosos é, desse modo, a maldade voltada para o seu interesse próprio.

Hannah nos alerta que, assim como Eichmann, havia tantos outros que estavam cometendo esses mesmos atos monstruosos, conseqüentemente, se tratava de uma engrenagem que era executada com o objetivo de matar seres humanos. Este olhar se atualiza nas ações que reproduzem este mal, social e político, e que é incosciente nos dias de hoje (nas ruas, escolas, espaços públicos, etc.). Para os demais, são pessoas incapazes de refletir sobre suas ações, visto que só faziam aquilo que eram ordenados a fazerem.

Trata-se de um caso exemplar de má-fé, de autoengano misturado a ultrajante burrice? Ou é simplesmente o caso do criminoso que nunca se arrepende (Dostoiévski conta em seu diário que na Sibéria, em meio a multidões de assassinos, estupradores e ladrões, nunca encontrou um único homem que admitisse ter agido mal), que não pode se permitir olhar de frente a realidade porque seu crime passou a fazer parte dele mesmo? No entanto, o caso de Eichmann é diferente do criminoso comum, que só pode se proteger com eficácia da realidade do mundo não criminoso dentro dos estreitos limites de sua gangue (ARENDRT,1999, p.64-65).

Reforçando essa percepção, Eichmann não era, segundo Arendt, um criminoso comum, mas um criminoso incapaz de pensar e julgar sobre suas ações e a amplitude delas na sociedade. Se ele não pensa e não julga, com certeza, não diferencia o certo do errado. Esse novo modelo de criminoso não mata por matar, mas, como parte do dever cumprido, de um projeto político estabelecido ou em fase de se estabelecer, das leis e lógica do estado totalitário, até democrático.

Qual seria a diferença dos criminosos da Sibéria para os criminosos do nazismo? O que é o homem em sua natureza individual e social? Será que os criminosos da Sibéria cometeram males maiores que os criminosos do nazismo na ausência do pensar e julgar? Na Sibéria, não houve uma engrenagem assassina, porém, na Alemanha nazista, houve. E na atualidade? Como poderia dizer que os criminosos da Sibéria eram mais perversos que os criminosos da Alemanha nazista ou os criminosos atuais?

Como a própria Hannah afirma, são as técnicas aliada às ideologias. Será que hoje não vivemos as tecnologias aliadas às ideologias para destruição em massa? Eichmann alegava que, se havia alguma culpa, era perante Deus e não perante o Estado, pois estava em seu turno de trabalho e cumpria com suas obrigações perante as leis dele. Quantas pessoas como Eichmann na Alemanha nazista que trabalhavam para o estado chegaram a compreender como funcionava essa engrenagem assassina? Não são questões que pretendemos responder neste trabalho, mas são pontos que este trabalho levanta e nos alerta, também, para compreender o mal na contemporaneidade.

Ora, se era uma engrenagem, não era uma pessoa só que executava essas atrocidades. O que se nota no nazismo é que tudo foi bem pensado e construído com o fim de exterminar seres que aos olhos das autoridades deveriam ser extirpados da sociedade, pois eram como “ervas daninhas” que tomavam corpo onde chegavam - era desta forma que os judeus eram vistos pelos líderes nazistas.

Ao citar Dostoiévski, Hannah salienta o criminoso que nunca se arrepende. Dostoiévski conta em seu diário que, na Sibéria, em meio a dezenas de assassinos, estupradores e ladrões, nunca encontrou um único homem que confessassem ter agido mal.

Nesse ínterim, Arendt afirma que, apesar de todos os esforços da promotoria, todos percebiam que esse homem não era um “mostro”. E uma vez que essa suspeita foi fatal para todos que ali estavam, além do mais, era insustentável diante dos sofrimentos que ele e seus semelhantes causaram a milhões de pessoas. Suas artimanhas mal foram notadas e pouco reveladas à imprensa (ARENDR,1999).

A atitude de Eichmann era diferente. Arendt observa que, em primeiro lugar, a

acusação de assassinato estava errada: “Com o assassinato dos judeus, não tive nada a ver. Nunca matei um judeu, nem um não-judeu – nunca matei nenhum ser humano. Nunca dei uma ordem para matar fosse um judeu fosse um não-judeu; simplesmente não fiz isso” (ARENDDT,1999, p.33). Considera também a responsabilidade moral proposta por Kant, o que exige um reconhecimento da radical contingência da escolha moral, ignorada na prática política e destaca: “aqui estamos nós, exigindo e impondo punição de acordo com nosso senso de justiça nos informa que todas as nossas noções anteriores sobre a punição e suas justificações nos desapontaram” (ARENDDT,2004, p.88).

Politicamente, a arte do argumento foi que aqueles que preferiram o mal menor esqueceram depressa que escolheram o mal. A aceitação de males menores é conscientemente usada para treinar os funcionários do governo, bem como a população em geral, a aceitar o mal em si mesmo. Para dar apenas um dentre muitos exemplos, Arendt cita que a exterminação dos judeus foi gradual de medidas antijudaicas, até que se atingiu um estágio em que nada pior poderia ter acontecido.

Uma resposta válida a essas questões teria de iniciar com uma análise da ainda muito misteriosa natureza do julgamento humano, daquilo que ele pode e não pode realizar. Arendt chama a atenção quanto à consciência de Eichmann. Ele se lembrava claramente de que sua consciência só pesava quando não cumpria as ordens que recebia. Meia dúzia de psiquiatras haviam examinado a sua “normalidade” e foi descrito pelos psiquiatras como ele era obcecado, perigoso e insaciável para matar, uma personalidade pervertida e sádica.

Era um oficial nazista cujos objetivos primeiros nada tinham a ver com assassinato em massa, mas com desejos ávidos de sucesso pessoal. Esse cerne moral apenas é atingido quando percebemos que o fato se deu dentro da estrutura de uma ordem letal, e que a pedra fundamenta dessa “nova lei” consistia no comando “Matarás” não o teu inimigo, mas pessoas inocentes que nem sequer são potencialmente perigosas, e por nenhuma razão imposta pela necessidade (...) (ARENDDT, 2004, p.105).

Assim, para Arendt, seria possível dar um passo além e sustentar que há muito poucos exemplos em que, ao usar a nossa capacidade de julgar, não julgamos em retrospectiva, e isso vale tanto para o historiador quanto para o juiz no tribunal, que podem ter boas razões para desconfiar dos relatos das testemunhas oculares ou do julgamento daqueles que estavam presentes (ARENDDT, 2004).

Esses atos não eram cometidos por bandidos, monstros ou sádicos loucos, mas pelos mais estimados membros da sociedade respeitável. Deve-se compreender que, embora esses assassinos de massa agissem coerentemente com uma ideologia racista, antissemita, os

assassinos e seus cúmplices diretos não acreditavam nessas justificações ideológicas; para eles, “bastava que tudo acontecesse de acordo com a “vontade do Führer”, que era a lei do país, e de acordo com as “palavras do Führer”, que tinham a força da lei” (ARENDDT, 2004, 105).

Todos eles concordam num ponto: ordens manifestamente criminosas não devem ser obedecidas. Antes de mais nada, devemos considerar que a relação entre exceção e regra, que é de primordial importância para reconhecer a criminalidade de uma ordem executada por um subordinado, foi invertida no caso dos atos de Eichmann. Portanto, com base nesse argumento poderíamos efetivamente defender a negativa de Eichmann a obedecer a certas ordens de Himmler, ou sua hesitação em obedecer: elas eram manifestas exceções à regra dominante. O julgamento concluiu que isso era especialmente incriminador para o acusado, o que certamente era muito compreensível, mas não muito coerente (ARENDDT, 1999, p.315).

O critério era diferente, eles se perguntavam em que medida ainda seriam capazes de viver em paz consigo mesmos depois de terem cometido certos atos; e decidiam que seria melhor não fazer nada, não porque o mundo mudaria para melhor, mas simplesmente porque apenas nessa condição poderiam continuar a viver consigo mesmos (ARENDDT, 2004). Efetivamente, para Arendt (2004), os homens que agiram mal estavam bem familiarizados com a letra e o espírito da lei do país em que viviam, e hoje, quando são considerados responsáveis, o que realmente exigem deles é um “sentimento de legalidade” profundo dentro de si próprio, para contradizer a lei do país e o conhecimento que dela possuem.

A abordagem do problema da moralidade e seus fundamentos exige explicação de uma questão geral, bem como algumas distinções que não são geralmente consideradas. No entanto, diz respeito a questão da responsabilidade pessoal. Esse termo deve ser compreendido em inconformidade com a responsabilidade política que todo governo assume pelas façanhas e prejuízos de seu predecessor, e toda a nação pelas façanhas e prejuízos do passado.

Existe em nossa sociedade um medo bem difundido de julgar que não tem nada a ver com a frase bíblica “Não julgues, para que não sejas julgado”, invoca essa frase em vão. Pois, por trás da não-vontade de julgar, oculta-se a suspeita de que ninguém é um agente livre, e com isso a dúvida de que alguém seja responsável pelo que fez ou de que se poderia esperar que respondesse pelos seus atos (ARENDDT, 2004, p. 81-82).

Arendt considerava que a questão da punição legal justificada por uma das seguintes razões: a necessidade de a sociedade ser protegida contra o crime, a reabilitação do criminoso, a força dissuasiva do exemplo de advertência para os criminosos potenciais e a justiça retributiva. Nenhuma dessas razões eram válidas para punir os criminosos de guerra.

Ao admitir o ponto de vista mais perturbador que eles não tinham intenção e isso, de fato, não tem importância, Auschwitz personifica um mal que invalidou dois séculos de pressupostos modernos sobre a intenção. Esses pressupostos identificam tão completamente o mal com a má intenção, que esta última é em geral vista como uma maneira de negar o primeiro. Se a má intenção está ausente, podemos responsabilizar os agentes pelos erros que cometeram, mas considerando uma questão de negligência criminosa.

Sendo assim, poder ser reabilitados pelas sentenças de prisão é ainda menos provável do que no caso de criminosos comuns, e quanto à possibilidade de dissuadir esses criminosos no futuro, as chances são de novo terrivelmente pequenas em vista das circunstâncias extraordinárias em que, segundo Arendt, esses crimes foram cometidos ou poderiam ser cometidos no futuro (ARENDR, 2004).

Falar da banalidade do mal, num nível verdadeiro, apontando um fato que foi encarado de frente no julgamento, foi para Arendt a possibilidade de examinar a estranha interdependência entre inconsciência e mal. A questão relativa aos tipos de crime que se tratava ali, um crime que todos concordaram ser sem precedentes, pois o conceito de genocídio, introduzido para cobrir um crime antes desconhecido e aplicável, não é adequado pela razão de que os massacres de povos inteiros não são sem antecedentes.

Arendt era contra a culpa coletiva, pois se Eichmann se considerava inocente perante o homem, já que, ele afirmava que estava cumprindo ordens do Estado, então, quem era o culpado? Não seria possível jogar a responsabilidade na coletividade. No final da obra Eichmann em Jerusalém, Arendt concorda que Eichmann deve ser acusado e sentenciado à morte, porque cometeu todas as atrocidades de forma consciente e se negou a questionar os crimes cometidos pelo regime nazista.

5 INTERFACES RELACIONAIS NA QUESTÃO DO MAL: ENCONTROS

Nesta seção, levanta-se dois pontos. O primeiro é: em que momento o mal em Arendt se encontra com o mal em Dostoiévski, visto que ambos percorrem caminhos opostos? E o segundo é: a falta de pensar e julgar de Eichmann tornou-o uma pessoa desprovida de escolha?

A “Banalidade do Mal”, expressão cunhada pela filósofa política Hannah Arendt (2004), é o centro de um debate universal, político e moral que dura mais de meio século e que vai retratar os crimes nazistas os quais eram praticados por pessoas consideradas normais, decentes e seguidoras das leis. A obra Eichmann em Jerusalém indicou uma nova era de pesquisa sobre o holocausto e genocídio do povo judeu, ou seja, o cego cumprimento do dever cumprido de acordo com as ordens de seus superiores. Coloco aqui a seguinte questão: Será que o fato de Eichmann e os demais cumprirem ordens de seus superiores recairia sobre sua capacidade de pensar e na sua capacidade de escolha?

A opção de Rousseau somava elementos da nova ciência que construiu a modernidade. Assim, o mal é externo, e não intrínseco a quem somos, e envolve justamente um foco no externo em vez de no essencial, ou seja, o mal é histórico e moral. Rousseau foi o primeiro a estabelecer uma relação sem chamar de punição e, portanto, o primeiro a ver uma solução que não depende de um milagre divino. O objetivo da explicação de Rousseau era revelar um mundo bom em sua essência, que esperava apenas a ação humana para torná-lo cada vez melhor. Segundo Neiman, “Tirou a responsabilidade pelo mal das mãos de Deus e colou-a firmemente nas nossas” (NEIMAN, 2003, p.57).

A escolha de Rousseau vem contra tudo o que Dostoiévski defendia. Para Dostoiévski, o mal é intrínseco a quem somos, e o homem não é produto do meio, mas, segundo Dostoiévski, qual é o destino que sofre o homem o qual ultrapassou as fronteiras do permitido, e que regeneração para o seu ser lhe pode sobrevir? As consequências ontológicas do crime, ou seja, a liberdade, degenerando em arbitrariedade, conduz o homem ao mal, o mal ao crime, e o crime, enfim, por uma fatalidade interior, ao castigo. O castigo espreita o homem nas profundezas extremas de sua própria natureza. Foi por essa razão que Dostoiévski se insurgiu contra a maneira de encarar o mal, isto é, de um ponto de vista exterior.

Dostoiévski se elevou contra toda a explicação de motivação do mal e do crime pela influência do ambiente social. Ele via na teoria humanitário-positivista a negação da profundidade da natureza humana, a negação da liberdade do espírito humano e da responsabilidade que lhe é aderente. Se o homem é apenas o reflexo passivo do seu ambiente social, se ele não é uma criatura responsável, logo, não há homem nem Deus, não há liberdade,

nem mal nem bem. Para Dostoiévski, o mal está depositado na profundidade da natureza humana, na sua liberdade irracional, na sua perda de um princípio divino.

Se em Hannah o mal é externo e em Dostoiévski o mal é interno, em um determinado momento, Hannah se encontra com Dostoiévski. No entanto, quando Arendt afirma que o mal é a ausência de pensar e a ausência de pensar leva o homem a não julgar, portanto, recai na ausência de uma escolha entre o certo e o errado, o bem e o mal. Em vista disso, o pensar e o julgar recaem em escolhas e estas escolhas incidem entre dois caminhos: o certo e o errado. O indivíduo que faz escolha é um indivíduo livre. A liberdade é o poder que o homem tem de escolher entre uma alternativa e outra, como decisão de um ato voluntário.

É em nome da dignidade do homem, em nome de sua liberdade que Dostoiévski afirma a necessidade de responder a cada crime por um castigo que exige menos uma lei exterior (moral) que nas profundezas, na consciência livre do homem.

A ira de Dostoiévski recai sobre a tentativa de descarregar a responsabilidade do mal nas circunstâncias exteriores, como se o homem fosse um brinquedo. Toda obra de Dostoiévski é uma refutação desta calúnia jogada sobre a natureza humana. O mal é o sinal de que existe no homem uma profundidade interna. Ele está ligado à sua personalidade. Somente a personalidade pode criar o mal e responde por ele. Segundo Dostoiévski, uma força impessoal não poderia ser responsável pelo mal, esta estreita ligação com sua concepção da personalidade e seu personalismo.

O humanitarismo nega o mal, porque nega a personalidade, e Dostoiévski lutou contra o humanitarismo em nome do homem. Se o homem existe, se a personalidade humana existe em profundidade, então, o mal tem fonte interior. Ele não pode ser resultado de circunstâncias fortuitas criadas pelo ambiente social. Convém à dignidade do homem e à sua filiação divina que o caminho do sofrimento resgate o homem do crime e consoma o mal. Em Dostoiévski, só o sofrimento eleva o homem até seu ápice, isto é essencial no pensamento do autor.

Arendt (2004), ao relatar o julgamento de Eichmann em Jerusalém, fala da “banalidade do mal”, e como isso não se referia a nenhuma teoria ou doutrina, mas a algo completamente factual, ao fenômeno dos atos malignos, cometidos numa escala gigantesca, que não podiam ser atribuídos a nenhuma particularidade de maldade, patologia ou convicção ideológica do agente, cuja única distinção pessoal era uma superficialidade talvez extraordinária.

A questão que se impunha era: será que a atividade de pensar como tal, o hábito de examinar e refletir sobre que vem a acontecer, sem levar em conta

o conteúdo específico e totalmente independente dos resultados, será que essa atividade pode ser de tal natureza que “condiciona” os homens contra fazer o mal? (ARENDR, 2004, p.227-228).

Para Arendt, a falta de capacidade de Eichmann de não pensar levou a uma “banalização do mal”, ou seja, é a partir do pensar que se tem a capacidade de julgar entre o certo e o errado. Eichmann foi descrito pela autora como uma pessoa incapaz de pensar e perceber o mal em sua configuração real, em suas ações, por consequência, foi incapaz de julgar o que impossibilitou a sua incapacidade de discernir o bem do mal. Vai mais além quando nos instiga a pensar quantos Eichmann existem entre nós. Em nosso contexto e para os nossos fins, essa distinção entre conhecer e pensar é crucial.

Se a capacidade de distinguir o certo do errado tiver alguma coisa a ver com a capacidade de pensar, então devemos ser capazes de “exigir” o seu exercício de toda pessoa sã, por mais erudita ou ignorante, inteligente ou estúpida que se mostre. A incapacidade de pensar não é estupidez; pode ser encontrada em pessoas altamente inteligentes, e a maldade dificilmente é a sua causa, nem que seja porque a ausência da capacidade de pensar, bem como a estupidez, são fenômenos muito mais frequentes que a maldade. O problema é precisamente que nenhum coração malvado, um fenômeno relativamente raro, é necessário para causar um grande mal (ARENDR, 2004, p.232).

Segundo Arendt, a manifestação do pensamento não é o conhecimento, ao contrário, é a capacidade de distinguir o certo do errado, o belo do feio. O pensar lida com os invisíveis, com representações de coisas que estão ausentes; o julgar sempre diz respeito a particulares e a coisas próximas. Mas os dois estão interligados de um modo semelhante a como a consciência de si mesmo (*consciousness*) e a consciência (*conscience*) estão interligadas. Se o pensar, o dois-em-um do diálogo silencioso realiza a diferença dentro de nossa identidade como ela é dada na consciência de si mesmo (*consciousness*), e desse modo, resulta na consciência como seu subproduto. Então, o julgar, o subproduto do efeito libertador do pensar, empresta realidade ao pensar, torna-o manifesto no mundo das aparências (...) (ARENDR, 2004, p.257)

É em nome da dignidade do homem, em nome de sua liberdade, que Dostoiévski afirma a necessidade de responder a cada crime por um castigo (interior) que exige menos uma lei exterior que, nas profundezas, ou seja, na consciência livre do homem. Este, por sua vez, não pode consentir mesmo a não ser responsável pelo mal e o crime, a não ser uma criatura livre, um espírito, mas tão somente um reflexo do seu ambiente social.

Nesta perspectiva, até que ponto a ausência da capacidade de pensar e julgar nos deixa

paralisados quanto à “banalização do mal” na atualidade? Somos vítimas da “banalização do mal” em nosso cotidiano? Estando eu, escrevendo este texto, ocorreu um fato o qual me fez pensar que fui vítima de um ato banal, ou seja, alguém que passou pela frente da casa, disparou a campainha e deixou tocando, fui à frente da casa e não havia ninguém, desliguei-a e entrei. De imediato, surgiram vários questionamentos que até então considerei que tinha algo a ver com o que estava me propondo a escrever. E se eu não estivesse em casa? Se, segundo Arendt, a “banalização do mal” é a falta do pensar e julgar, com certeza, quem cometeu tal ato não pensou e nem julgou se seria uma atitude certa ou errada e que acarretaria, com certeza, alguns prejuízos os quais demandariam tempo e recurso financeiro para serem resolvidos.

Se o mal, independente de um ponto de vista histórico e moral, depende de uma escolha entre o certo e o errado, e se julgar coloca o homem entre dois caminhos, ou seja, o caminho do certo e do errado, do bem e do mal, logo, o homem tem entre esses dois caminhos a possibilidade da escolha, e a escolha, por sua vez, leva o homem ao caminho do julgar, que leva à liberdade de decidir entre esses dois caminhos. Essa escolha diz respeito à liberdade que o indivíduo tem ou aquela que os outros lhe permitem ter?

Se somos livres para escolher entre o certo e o errado, e essa escolha não depende só do contexto histórico e moral, mas também da sua consciência, então, tanto as contribuições de Arendt, quanto as contribuições de Dostoiévski nos possibilitam concluir que: o pensar e o julgar é o caminho que leva o homem a escolher entre o certo ou o errado, o bem ou o mal. Se é uma escolha, ela recai no caminho da liberdade, e se recai no caminho da liberdade, conclui-se que o homem é livre, a personalidade humana existe e o mal tem fonte interior. Ele não pode ser resultado de circunstâncias fortuitas criadas pelo ambiente no qual o homem está inserido.

O que se observa em Hannah não é um mal voltado ao pecado que é relacionado à religião, ou em uma perspectiva dualista entre o bem e o mal, sob a égide judaico cristã, em uma perspectiva somente interna, como em Dostoiévski, nem é maldade, como é citado pelos grandes vilões da literatura. O mal do ponto de vista de Arendt é moral, é um mal que é externo ao homem, e vai além da relação com sua natureza humana. Para esta autora, investigar o problema da vontade nada mais é que enfrentar o problema da liberdade. Essa vontade que ela prega como fonte de ação, isto é, a capacidade de começar uma nova série de novos eventos.

Qual é o ponto de encontro possível a imaginar entre Hannah e Dostoiévski? Como podemos observar, no decorrer deste estudo, ambos andam em vias opostas, porém, no caminhar, podemos observar um momento de (re) conhecimento entre os dois.

Arendt conversa com Dostoiévski no momento em que ela afirma que a ausência do pensamento leva o homem à ausência do julgamento, e se o homem não tem a capacidade de pensar, com certeza, ele não julga o que é certo e o que é errado. A escolha entre o certo e o errado é o que chamamos de livre-arbítrio, ou seja, o homem é livre para escolher o caminho que deseja seguir, mas deve ir além de seus desejos ao encontro do social, da polis, do homopoliticus.

Eichman e os demais membros que participavam desse processo contribuíram para a eficiência de uma engrenagem complexa e eficiente com um único objetivo, matar seres humanos. Será que nessa engrenagem ninguém sabia qual era o seu fim último? Eliminar seres humanos em nome de um bem maior. Será que hoje não estamos dentro desta mesma bolha, só que em um outro contexto?

Em Dostoiévski, o “se Deus não existe, tudo é permitido” nos remete à noção de liberdade do segundo Adão, do homem que se deixou se embriagar pelas coisas do mundo, que é levado por uma liberdade ilimitada, irracional, uma liberdade livre. Ele se considera tão livre que acha que tudo pode, que tudo é permitido, é o super-homem como bem colocou Nietzsche. O homem que matou Deus é o homem sem fé e movido pela razão. A primeira liberdade é a liberdade do homem antes da queda, que, segundo Berdiaev, é: “A liberdade do primeiro Adão e a do segundo Adão, isto é, no seio do Cristo, é o homem voltado para a fé, que acredita que o homem não está no controle de tudo, que há um Homem-Deus. São liberdades diferentes”, ou seja, a liberdade no primeiro Adão é uma liberdade em Cristo, no próprio seio do bem. Nessa liberdade, o homem é liberto das coisas inferiores, do domínio das paixões exteriores.

A primeira liberdade nos remete a um Adão que não é escravo das paixões, ou seja, não é escravo de si mesmo. O primeiro Adão estava ligado à aspiração mais alta da liberdade do espírito humano. A regeneração do Adão depois da queda se dá por meio da dor, segundo Dostoiévski, só por meio da dor, só quando o homem no próprio crime ver perfilar o castigo, (peso da culpa), quando a culpa do crime engendra a dor, só quando o pecado é sentido como sofrimento, neste sofrimento acometido pelo peso da culpa, começa a sua obra de redenção, da queda ao renascimento, de morto a um homem que ressurgiu das cinzas do pecado, é o homem livre no seio do bem, o homem que estava no pecado e foi redimido, estava morto e ressuscitou. Para Dostoiévski, o homem, para se redimir do mal, tem que ter passado pela experiência da dor, na qual nascerá o homem novo e o bem que conduz o homem à felicidade. “O amadurecimento espiritual do homem em Dostoiévski é um aspecto constitutivo dos processos educativos da formação humana e a literatura é um recurso eficaz para pensar a dinâmica desses processos existenciais no âmbito da educação” (COUTINHO, 2019, p.9).

Na própria literatura de Dostoiévski é possível problematizar não só o problema do mal, mas, da liberdade, do amor, da educação e de tantas outras questões que o próprio autor abordou em suas obras a partir de seus personagens. Os processos de transformação do homem em Dostoiévski se dá de forma interna, ou seja, de dentro para fora, e suas obras são ricas, trazem vários exemplos através dos seus personagens. Assim, a Educação em Dostoiévski é um ato de amor.

Eis o pensamento essencial de Dostoiévski. O amor verdadeiro está ligado à personalidade, a personalidade está ligada à imortalidade da alma. Isto é verdade para o amor sexual como para toda outra forma do amor humano (BERDIAEV, 2021, p.111).

Os processos educativos em Dostoiévski não se dão da mesma forma que se dão em Arendt. Enquanto que em Dostoiévski a mudança se dá de dentro para fora, em Arendt é o contrário, a mudança se dá de fora para dentro, ou seja, são opostos, isto é, enquanto Dostoiévski parte do princípio que tudo se inicia a partir da personalidade do homem, na visão de Arendt, se inicia no ambiente, onde o homem é fruto do meio onde ele está inserido, ou seja os processos educativos se dão de fora para dentro.

Para Arendt, somos inseridos no mundo humano como estranhos através do nascimento e ingressamos no mundo através dos atos e das palavras, ou seja, Arendt (2007), afirma que, o nascimento nos insere no mundo como seres em um mundo que antes mesmo já existia e que nos tornamos um ser neste mundo. Em Arendt os atos e as palavras fazem com que nos inseram no mundo e na presença de outros e cuja companhia nos fazem desejar está juntos, ou seja, para Arendt, nascer é já ser capaz de criar novidade no mundo por meio da ação e, desta forma, melhorar nossas liberdades através da educação e da ação política.

Em Arendt, para que o mundo seja sempre um lar para os homens durante o seu período de vida na Terra, é necessário a renovação, a Terra por ser o seu lar temporário, precisa ser um ambiente de convivência entre os seus entes, aqueles que irão trabalhar em prol de um mundo que se espera que seja melhor que o anterior e isso só será possível através da ação.

Sem ação, sem a capacidade de iniciar algo novo, em Arendt, não é possível se ter um mundo novo, é por isso que Arendt falava sobre o nascimento, os novos serão os responsáveis por um mundo novo através da ação. O homem, mesmo com todas as incertezas, deve sempre lembrar que, mesmo que eles tenham que morrer, eles não vieram ao mundo para a morte, mas, para iniciar algo novo, o novo só poderá existir através da ação humana.

Em Arendt, os homens nasceram para viver juntos e agir juntos na construção de um mundo menos pior para as próximas gerações. Essa é a herança que o homem mortal pode deixar para os novos que estão chegando no mundo, a novidade se encarregará de mudar um mundo velho porém, novo para as gerações vindouras. Se nós enquanto seres mortais queremos deixar de herança para os novos um mundo melhor, essa mudança só será possível pela via educacional e da política através da ação do homem no mundo.

Segundo Linhares (2015), “[...] a educação é uma das ações em que essa relação deve se consolidar como ação crítica e criativa fundamental para a transformação da sociedade”. Não podemos nos esquivar da necessidade de afirmar que o processo educativo o qual Dostoiévski utilizou via seus personagens se deu de forma oposta ao de Arendt, porém ambos estão aí, e tanto um quanto o outro tem prestado grande contribuição à sociedade atual, quer seja pelas vias interna ou externa, ambos têm dado sua contribuição, tanto Dostoiévski quanto Arendt. Os métodos que são utilizados para os processos educativos estão em evolução e transformação em nossa sociedade contemporânea.

Como o processo educativo se dá a partir dos personagens de Dostoiévski? Por intermédio do amor. Em Dostoiévski, o homem é livre para fazer suas escolhas entre o bem e o mal, é na escolha que se dá a liberdade e no amor ao próximo que se dá a dialética do perdão e se converterá no processo educativo. De que forma? Encontraremos vários personagens em Dostoiévski que se prestaram a servir como uma criatura dada a prática do bem através do amor ao próximo, esses atos serve de exemplo para salvar outros personagens que estavam perdidos. Em *Escritos da Casa Morta*, também encontraremos personagens que num ato de fé e amor viviam para servir ao próximo.

No amor cristão, todos os homens são irmãos no Cristo. E o amor no Cristo é a perfeição da filiação divina de cada indivíduo, feita a imagem e semelhança de Deus. O homem deve, antes de tudo, amar a Deus. Eis o primeiro mandamento. O segundo é amar ao próximo. Não é possível as duas criaturas amarem-se reciprocamente senão por que existe Deus, seu Pai comum. É a forma e a semelhança divina que se ama em seu semelhante (BERDIAEV, 2021, p.113).

Em *Crime e Castigo* (Sônia), *Os Irmãos Karamazov* (Aliócha Karamázov), porém, um dos personagens que irá deixar suas marcas de amor e compaixão pelo próximo está em sua obra *o Idiota*, ou seja, o personagem Michkin, mas, também é possível extrair o processo educativo em alguns personagens dos *Escritos da Casa Morta* e trazer para nossa realidade. Em Dostoiévski é possível fazer um mergulho em suas obras e extrair dos seus personagens

os atos amor e fé. Essas ações irão emergir de seus personagens e dessas ações os processos educativos vão criando força em suas obras através da sua espiritualidade.

Suas obras estão repletas de exemplos tanto, nas práticas do bem como do mal, porém, o processo educacional em Dostoiévski se dá de dentro para fora, isto é, através da irradiação do amor, da compaixão e fé ao próximo, diria até melhor que, através do ato de doação em que os seus personagens vão se movimentando e se revelando em suas obras, a educação vai se formalizando em forma de ações através dos seus personagens. Em Dostoiévski:” O verdadeiro amor é a afirmação da eternidade” (BERDIAEV, 2021, p.112), ou seja, não há como se realizar em Dostoiévski os processos educativos sem os atos de amor ao próximo.

Dostoiévski nem todos os seus personagens são maus e aqueles que eram maus tiveram que passar pelas chamas do purgatório para se tornar seres humanos melhores dotados de amor, caridade e fé para com o próximo. Temos por exemplo em *Escritos da Casa Morta* alguns exemplos, ou seja, pessoas boas e más, no caso das esposas dos dezembristas que acompanharam seus esposos ao exílio na Sibéria, segundo Dostoiévski, eram mulheres dotadas de fé, esperança e amor, eram mulheres de um coração que espargia luz a todos aqueles que estavam a caminho do exílio no presídio de Omsk.

Dostoiévski cita um bom exemplo, ou seja, Natália Fonvizina, esposa de um dezembrista, segundo o autor: “Conto apenas que a imensa compaixão e simpatia com que fomos tratados aqui recuperou-nos, (...)” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.68). Natália era uma mulher dada a prática do bem, espargia amor e fé ao próximo. Foi de uma dessas dezembristas que Dostoiévski recebeu um Novo Testamento, O livro que Dostoiévski recebeu de uma das dezembristas iria acompanhar o escritor durante todos os dias de sua vida, até o leito de morte.

Como o processo educativo se dá em Dostoiévski? O processo educativo em Dostoiévski se dá através do amor e da fé, ou seja, seus personagens eram trevas que se convertem em luzes e esse processo se realiza na mudança do velho homem para um novo homem, o homem que antes se prestava a fazer o mal e agora se dedica a fazer o bem, este processo se dá de dentro para fora, essa mudança é uma “luz no fim do túnel”. Na carta escrita ao seu irmão Mikhail em 31 de outubro de 1838 em São Petersburgo, bem antes de ser preso ele escreveu dizendo que: “ A natureza, a alma, o amor e Deus são reconhecidos pelo coração, e não pela razão (DOSTOIÉVSKI, 2011, p. 15).

Suas obras são marcadas por personagens maus e bons, personagens estes que, estavam nas trevas e por meio do embate espiritual alcançou a luz e a luz difundiu em seu coração amor e fé, ou seja, passou a ser um ser iluminado, dado a bondade. Seus personagens desceram ao inferno e em um ato de conversão interna passou a ser luz.

Ora, o processo educacional em Dostoiévski é dialético e se realiza através da sua espiritualidade, ele emerge, isto é, vem de dentro para fora, ou seja, é aquele que na sua existência como ser, saiu da morte espiritual e passou para a vida, passou a ser luz, luz esta que, vai iluminar e servir de fonte de amor e fé, ou seja, uma nova criatura em Cristo Jesus.

Enquanto Arendt segue os passos de Rousseau, Dostoiévski se atreve a fazer o contrário, ou seja, através de suas experiências espiritual, enquanto que, em Rousseau o mal é naturalista e está isento de forças malignas e sobrenaturais, ou seja, o pecado. Como explicar que embora, Dostoiévski fosse um preso político em Omsk, ele se sentia um homem livre?

Embora, Dostoiévski estivesse preso, seus pensamentos estavam livres, sua liberdade interior era extravasadas através de seus pensamentos criativos, as anotações deram vida aos cadernos siberianos enquanto o escritor estava no presídio, aos poucos foram se materializando na obra Escritos da Casa Morta. Em uma das cartas que Dostoiévski escreveu ao seu irmão Mikhail enquanto estava preso na Fortaleza de Pedro e Paulo em 14 de Setembro de 1849 em São Petersburgo:” a vida é sempre vida, não importa onde se esteja; a vida está em nós mesmos e não no mundo exterior” (DOSTOIÉVSKI, 2011, p.59). Neste sentido, podemos notar que, tanto em relação ao mal, ao bem, quanto a educação em Dostoiévski/Arendt se dão de forma opostas, porém o espaço da liberdade estão inseridos nos dois, sendo que em Dostoiévski a liberdade é interna e em Arendt é externa, ambos andam em direção contrária porém ambos buscam a liberdade. Uma vem de dentro e a outra vem de fora, ambas participam do processo de construção educacional e na valorização do homem enquanto ser que está em transformação e depende da liberdade, quer seja esta, interna ou externa, ambas contribuem para que o homem seja um instrumento de mudança na construção de um mundo melhor, sem violência e na valorização da vida através do amor e da paz em uma sociedade mais digna para as novas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do pressuposto de descrever alguns indicativos para o conceito de mal em Dostoiévski e Arendt, este estudo pautou-se nos objetivos: explicar como a questão do mal é articulada e definida na obra *Escritos da Casa Morta*; examinar a concepção de banalidade do mal em Hannah Arendt e comparar interfaces relacionais na questão do mal entre os dois autores, e responder a seguinte questão de pesquisa: O que, na potencialidade deste encontro, podemos destacar como aproximações e distanciamentos sobre o conceito de mal em Dostoiévski e Hannah Arendt?

O estudo demonstrou que o mal em Dostoiévski é intrínseco, isto é, faz parte da natureza humana e cabe ao homem/indivíduo, através da sua consciência, fazer a sua escolha entre o bem e o mal, à medida que, em Arendt, o mal é externo, ou seja, cabe ao homem/político, através da história e da moralidade, fazer a sua escolha.

Embora o mal em Dostoiévski e o mal em Arendt apresentem natureza contrária, em um determinado momento, eles se encontram. Este ponto de encontro só foi possível ser identificado através das leituras das obras originais aqui propostas. No pensar de Dostoiévski, não tem como explicar o mal sem levar em consideração a liberdade. Em sua literatura, seus personagens são criaturas atormentadas pelo crime e pelo castigo.

É, portanto, no caminho da liberdade que seus personagens se degeneram em arbitrariedade e a arbitrariedade conduz ao mal e o mal se revela na ocorrência do crime e o crime conduz ao castigo. A consciência é o grande juiz que inflige o castigo, quando os tribunais não o aplicam. O crime tem sempre por consequência o castigo na consciência humana.

Quando Arendt coloca a possibilidade da escolha entre o certo e o errado, mostra que a escolha só será possível se houver liberdade, neste sentido, ambos, Dostoiévski e Arendt, se aproximam através da liberdade humana como condição. A liberdade é a autonomia que os homens têm para fazer suas escolhas, independente se é certa ou errada, e é na independência de suas escolhas que o homem se torna um ser livre tanto para pensar quanto para agir. Aqui, também, encontramos as distâncias entre os dois autores.

Em Arendt, o agir é a palavra-chave para os cidadãos livres, ou seja, aquele que está inserido em um determinado grupo, em uma determinada sociedade. Só os homens livres podem participar da política. É na política que o homem exerce sua liberdade de escolha em prol de um bem maior, onde os indivíduos atuam na presença uns dos outros e participam da construção de um estado democrático.

Em Dostoiévski, o limite da razão é o seu personalíssimo. O homem tem o poder de decisão, de fazer as suas escolhas independente do agir. Tudo nasce na sua concepção de personalidade ligada a uma noção de fé. A liberdade é inerente ao homem. Ela independe da moral e da história, visto que é interna e portanto de base judaico-cristã, religiosa. O homem comete o crime por pensamentos, e seus pensamentos maus são o reflexo de sua futura realidade, ou seja, o homem articula e depois põe em prática seus atos bons ou ruins e é condenado pelo crime e pelo castigo (peso da culpa).

Em Dostoiévski, o mal é o sinal de que existe no homem uma profundidade interna. Ele está ligado à sua personalidade. Só a personalidade pode criar o mal e responder por ele. Segundo Dostoiévski, uma força impessoal não poderia ser responsável pelo mal. O mal tem estreita ligação com sua concepção da personalidade e seu personalismo e este com sua percepção de religião.

Ora, o que se percebe é que, tanto a visão do mal como interno proposto por Dostoiévski, quanto o mal como externo, proposto por Arendt, convivem lado a lado na nossa sociedade. Vivemos em uma sociedade em que tanto nos deparamos com indivíduos que cometeram atos que foram praticados sem pensar como também nos deparamos com atos que foram praticados por indivíduos que agiram de forma pensada e premeditada.

Dessa forma, o mal tanto pode ser moral e histórico, como pode ser parte da natureza humana. Os dois estão em plena sintonia na nossa realidade social. Ambos os males são todos os dias apresentados pelos meios de comunicação de massa nas formas mais brutais no sentido da palavra. Alguns indivíduos agem sem pensar e matam por impulso, enquanto que outros agem de forma premeditada, levam anos até a sua maturidade e finalização do seu crime.

Entendemos também que Dostoiévski e Arendt estão ligados por um conceito de liberdade. Um pelas vias do mal externo e outro, pelas vias do mal interno. Um pelas vias da moral e da história e outro pela vias da personalidade e divindade. Um está ligado à fé e o outro à razão. Ambos se afastam e se aproximam em um determinado momento.

O Mal, na sociedade contemporânea desenvolvidos nas obras de Dostoiévski e de Arendt, se revelam de forma legitimada no seio da sociedade atual de diversas formas, ou seja, na forma de chacina, de racismo, da violência contra as mulheres, na desigualdade social. Essas atitudes têm se exacerbado e colocado as condutas dos seres humanos em xeque. Qual o caminho? Como podemos, sendo livres, enfrentar este problema?

Para Arendt (2007), a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele. Se não na escola, onde as crianças poderão encontrar adultos que ouçam e atentem para as dificuldades que enfrentam na família e na

sociedade em especial na sua vizinhança? Hoje, o principal desafio da família e da escola é vencer a violência que vem crescendo a cada dia no seio da sociedade brasileira, para tanto, é necessário educar as crianças para uma sociedade menos violenta.

Dessa maneira, a criança, que é objeto da educação, possui para o educador os seguintes desafios, ou seja, ela se encontra em processo de formação; é um novo ser, é um ser que está sendo formado para a vida em sociedade. A educação está entre as atividades humanas, que jamais permanecem tal qual é, ela está em um constante estado de vir a ser. Além da preocupação de como apresentar o mundo as crianças e aos jovens, a educação tem também a tarefa de acolher os novos habitantes desse lugar.

Arendt nos chama a atenção para a importância de perguntar a cada novo ser: “Quem és?”. Podemos destacar a relevância da questão de como o mundo recebe os jovens por meio de suas instituições educacionais. A pergunta é se de fato os recebemos como potenciais renovadores de nosso mundo, ou se, primeiro, os tratamos como uma geração sem perspectivas. Quando adultos e com formação, estes vão ter o poder de escolha. Essa escolha está ligada à liberdade de agir no espaço público para tornar pública a sua opinião. Estarão aptos para fazer suas escolhas baseadas em seus conhecimentos a partir de novos olhares, terão voz e farão parte da sociedade através do seu voto consciente. É nesse ponto que o agir tem importante relação com a liberdade de escolha em Arendt.

Só pela via educacional é que se pode construir um mundo melhor, independente de ser pelas vias internas ou externas. A educação tanto em um, quanto no outro, não se constrói sem um ato de doação e respeito ao próximo. A educação independente do método que cada um usa, precisa ser luz, precisa espargir esperança, liberdade, fé e amor em um mundo abatido pelas guerras, desunião e violência contra o seu semelhante. Se as gerações se renovam com o tempo, logo, esses seres precisam se renovar a cada dia através dos atos de amor, um amor que cada vez mais seja luz na vida daqueles que não se sentem em casa, mas que, se sentem um estranho dentro do mundo. Ser humano é ser um ser dado a prática do bem, é irradiar luz aqueles que desistiram do mundo antes mesmo de começar. Nascemos para dá continuidade ao novo, ou seja, aquele que está sempre se renovando através do nascimento, através da vida, em um mundo que já existia, que já era velho.

Não é possível que, depois de fazer uma imersão em Dostoiévski e Arendt não sejamos sensível a mudança, e que, estes autores não tenham nos afetado, que, não tenhamos aprendido com ambos que, a educação se constrói a partir de um ato de amor ao nosso semelhante. Independente das razões que levaram Dostoiévski valorizar o homem pelas vias interna e Arendt a valorizar o homem pelas vias externa, ambos contribuíram para que eu enquanto educadora sentisse o quanto o caminho é longo e difícil e que, nós educadores temos uma grande responsabilidade na formação dos nossos alunos. Cabe ao homem, como sujeito e como sociedade a responsabilidade na construção de mundo que embora já velho, é novo pela novidade da vida.

REFERÊNCIAS

- ARBAN, Dominique. **Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora S.A.1989. 191p.
- ADLER, Laure. **Nos Passos de Hannah Arendt**. Tradução: Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques. Terceira ed. Rio de Janeiro. Ed. Record, 2007, 643p.
- ALMEIDA, Vanessa Sievers de. **Educação em Hannah Arendt: entre o mundo deserto e o amor ao mundo**. São Paulo. Ed. Cortez, 2011. 240p.
- ARENDR, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. Tradução: Mauro W. Barbosa. Sexta Edição. São Paulo. Ed. Perspectiva, 2007.348p.
- _____. **Responsabilidade e Julgamento**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo. Primeira Edição. Editora Companhia das Letras. 2004. 375p.
- _____. **Sobre a Violência**. Tradução: André de Marcelo Duarte. Rio de Janeiro. Ed. Civilização Brasileira.2009, p.167.
- _____. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. Tradução Jose Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Tradução: Paulo Bezerra. Rio de Janeiro. Ed. Forense Universitária. 2015, 341p.
- BERDIAEV, Nikolai. **O Espírito de Dostoiévski**. Tradução de Otto Schneider. Primeira Ed. Rio de Janeiro. Eleia Editora, 2021.194p.
- BÍBLIA, A.T. e N.T. In **BÍBLIA. Antigo e Novo testamentos**. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2010.
- COUTINHO, Adriana Maria Ferreira. **Sobre uma Pedagogia da Existência na obra de Fiódor Dostoiévski: uma análise a partir de Otto Bollnow (tese de doutorado)**. Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2019. 170 p.
- DOSTOIEVSKAIA, Ana Grigorievna. **Meu Marido Dostoiévski**. Tradução: Zoia Ribeiro Prestes. Rio de Janeiro. Ed. Mauad, 1999. 334p.
- DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Dostoiévski: Correspondências 1838-1880**. Tradução Robertson Frizero. Porto Alegre: 8Inverso, 2011. 248 p.
- _____. **Escritos da casa morta**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2020.
- FRANK, Joseph. **Dostoiévski: Os Anos de Provação, 1850-1859**. Tradução de Vera Pereira. São Paulo: Segunda ed. rev. Editora da Universidade de São Paulo, 2008. 424 p.
- _____. **Dostoiévski: Um escritor em seu tempo**. Tradução de Pedro Maia Soares. Mary Petruszewicz ed. São Paulo: Primeira ed. Companhia das Letras, 2018. 1181 p.

_____. **Dostoiévski: O Manto do Profeta**, 1871-1881. Tradução de Geraldo Gerson de Sousa. Primeira ed. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. 952p.

_____. **Os efeitos da Libertação, 1860-1865**. Tradução de Geraldo Gerson de Souza. Primeira ed., 1. Reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

GROSSMAN, Leonid. **Dostoiévski artista**. Tradução de Boris Schnaiderman. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1967.

LINHARES, Ronaldo Nunes. **Educação/Comunicação: o uso do audiovisual em sala de aula**. 2015. Vol. 3. Disponível em: https://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/2c/GT10_-_009.pdf Acessado em: junho de 2023.

NEIMAN, Susan. **O mal no pensamento moderno: uma história alternativa da filosofia**. Tradução Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003. 392 p.

NUNES, Natália. **Vida e Obra de Fiódor M. Dostoiévski**. Rio de Janeiro. Companhia Aguilar Editora. 1962. 94p.

PAREYSON, Luigi. **Dostoiévski: Filosofia, Romance e Experiencia Religiosa / Luigi Pareyson**. Tradução Maria Helena Nery Garcez, Sylvia Mendes Carneiro. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 256 p.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**, v.7: De Freud à atualidade. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2006. 264p.

REIS, Alberto Olavo Advincola, MAGALHÃES, Lúcia Maria Azevedo, GONÇALVES, Waldir Lourenço. **Teorias da Personalidade em Freud, Reich e Jung**. Segunda Reimpressão. Editora Pedagógica e Universidade Ltda, São Paulo, 1984.167p.

ROSA, Virgínio Santa. **Dostoiévski, Um Cristão Torturado: O Homem, o Romancista, o Visionário**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. Brasília, 1980. 442p.

TCHIRKÓV, Nikolai. **O Estilo de Dostoiévski: Problemas, Ideias, Imagens**. Tradução: Paulo Bezerra. Primeira Edição. São Paulo Ed. 34, 2022. 310p.

TROYAT, Henri. **A Vida de Dostoiévski**. Tradução: Maria Franco e Cabral do Nascimento. Lisboa. Ed. Estúdios Cor, LDA. 1958. 470p.